

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

CÁTIA ROBERTA ALVES DOS SANTOS

**A SEÑORA DO CAO:
O PAPEL POLÍTICO DA MULHER NO PERÍODO CLÁSSICO PERUANO**

PORTO ALEGRE

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CÁTIA ROBERTA ALVES DOS SANTOS

A SEÑORA DO CAO:
O PAPEL POLÍTICO DA MULHER NO PERÍODO CLÁSSICO PERUANO

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação para
obtenção do título de Bacharel em História do
Departamento de História do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Silvia Moehlecke Copé.

PORTO ALEGRE

2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus.

Agradeço a força e o apoio dos meus familiares. Aos meus irmãos Adriana, Ana e Jefferson, aos meus sobrinhos Yan e Rian, à minha tia pela fé de sempre.

Aos amigos e colegas, valeu Samuel. Ao meu amigo Jorge (dos livros e pelos livros). Em especial a uma querida amiga (irmã), Maria Cristina, por todos os momentos de oração e pelo apoio.

E à minha Professora Orientadora, Dr^a. Silvia Copé, sem palavras por todo carinho e paciência. Obrigada!

RESUMO

Reconhecer que o papel da mulher dentro do processo de construção da história vem passando por transformações, não é mais uma questão de expectativas ou afirmações, nem se limita ao tempo. Na história das antigas civilizações pré-colombianas, uma descoberta veio trazer à luz um achado arqueológico que vem mudando antigas teorias androcêntricas. A descoberta da Señora do Cao, em 2006, na costa Norte do Peru, está sendo considerada um marco de atuação feminina também nos postos de poder. A Señora do Cao ou a Dama Tatuada governou a Civilização Mochica, uma antiga cultura que tem revelado para o mundo a grandiosidade de sua história e, atualmente, renovado a identidade cultural da comunidade e, principalmente, das mulheres peruanas.

PALAVRAS-CHAVE: Señora do Cao; Simbolismo Tatuado; Liderança Feminina; Sociedade Mochica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 CONTEXTUALIZANDO A SEÑORA DE CAO	8
2.1 A ARQUEOLOGIA NA COSTA NORTE PERUANA E O COMPLEXO ARQUEOLÓGICO EL BRUJO	10
2.2 A ORIGEM E ORGANIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA DA CULTURA MOCHE	14
2.3 COLAPSOS E RECONFIGURAÇÕES NA SOCIEDADE MOCHE.....	21
3. A SEÑORA DE CAO	24
3.1 A DESCOBERTA DA SEÑORA DE CAO	24
3.2 O FARDO FUNERÁRIO.....	25
3.3 A DAMA TATUADA.....	32
3.4 O SIMBOLISMO DAS TATUAGENS	34
4. O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE MOCHICA	39
4.1 A MULHER MOCHICA	39
4.2 RELAÇÃO DO FEMININO MOCHICA E A NATUREZA	41
4.3 O PROTAGONISMO FEMININO	43
4.4 A MULHER E A POLÍTICA.....	45
4.5 A SEÑORA DE CAO E A ARQUEOLOGIA DE GÊNERO	45
4.5.1 A Representação feminina na cultura mochica	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da situação espaço-temporal do Complexo Arqueológico El Brujo	9
Figura 2 - Foto aérea do Complexo Arqueológico El Brujo com a localização dos sítios mais importantes	11
Figura 3 - Exemplo de relevos policromados mochica: procissão de cativos na Huaca Cao Viejo	12
Figura 4 - Maquete da pirâmide Huaca Cao Viejo.....	13
Figura 5 - Reconstrução de Huaca Cao Viejo. Praça cerimonial local dos grandes cultos	13
Figura 6 - Mapa da costa norte do Peru com a localização dos sítios mochicas.....	17
Figura 7 - Representações de Ai Apaec, conhecido como o degolador, aqui apenas duas entre uma variedade de formas nas quais foi representado. Sua característica as presas de felino, à direita Ai apaec com o cinturão de serpente.....	19
Figura 8 - Maquete do Mausoléu da Senhora do Cao	24
Figura 9 - Fardo funerário onde estava a múmia tatuada, nas laterais os bastões cerimoniais	26
Figura 10 - Representação da tumba de Cao e os apetrechos da Señora do Cao	27
Figura 11 - As camadas do fardo funerário da Señora do Cao.....	28
Figura 12 - Múmia da Dama de Cao, no complexo arqueológico El Brujo.....	30
Figura 13 - As tatuagens da Señora de Cao.....	34
Figura 14 - Mural com representação do peixe Life - Mausoléu da Senhora de Cao no complexo de El Brujo	37
Figura 15 - Representación pictórica Moche de la "ceremonia del sacrificio". La Sacerdotisa (Figura "C") presenta un cáliz a la Figura "D"; al lado izquierdo, un prisionero es degollado	48
Figura 16 - Condução dos prisioneiros para o sacrifício em barcos de totora	49
Figura 17 - Rota Moche. Rua com fotos de donas de casa, tecedoras, pescadoras, artesãs, floricultoras e produtoras de chicha. “Las Damas de Magdalena de Cao”	52
Figura 18 – “As Novas Señoras de Cao” – Homenagem às mulheres que também trabalham nos sítios arqueológicos entre eles o sítio de Cao Viejo onde foi encontrada a Señora de Cao	53

1 INTRODUÇÃO

Reconstruir histórias de épocas tão distantes e entender como viviam povos de culturas tão antigas que só deixaram vestígios de sua existência é uma tarefa que exige retornos a um passado ainda pouco conhecido. Juntar os fragmentos de uma história milenar que ressurgiu debaixo dos restos de montanhas de areia e barro permite perceber que ali estão as ruínas de grandes pirâmides que fizeram parte do contexto de uma grande civilização. Essa é a visão que tive ao estudar as antigas civilizações que viveram muito antes dos incas. Foi a partir das aulas da cadeira de História Pré-Colombiana que comecei a conhecer a história da Civilização Mochica e a descoberta da Señora de Cao (ou A Dama de Cao). Em 2017, aprofundei minhas leituras sobre esse tema com o livro de Maritza Villavicencio intitulado *Mulher, Poder e Alimentação no antigo Peru*. A autora aborda a importância de conhecer a história de mulheres de antigas civilizações que desempenharam papéis fundamentais na História. Como exemplo traz também a história da Señora de Cao que, segundo sua teoria, trouxe para o entendimento do seu país e para o mundo um questionamento sobre o papel da mulher na sociedade.

Propondo um estudo sobre a mulher a partir dos vestígios que evidenciam a participação feminina em várias áreas, Villavicencio fala de ideias falsas que persistem e distorcem a dimensão feminina na construção cultural das civilizações. A autora faz uma crítica às opiniões que classificam a Señora Mochica ao *status* de sacerdotisa (cargo que lhe confere uma função de auxiliar) e posiciona seu ponto de vista com base na descoberta do Señor de Sipán. Em comparação, os contextos funerários são equivalentes em grau de importância e pela riqueza de seus enxovais funerários. No entanto, ao contrário do grande Señor de Sipán, a Señora de Cao teve seu *status* questionado, mesmo apresentando as mesmas características de sua contraparte, por isso a questão de gênero também é importante para compreender como essa Señora era vista dentro da sua esfera de poder.

A Señora de Cao ocupou o mais alto cargo de governança na Cultura Mochica, dirigiu com todas honras a liderança que sintetizava as funções políticas e religiosas. Conduzia os cerimoniais de oferendas aos deuses em agradecimento à fertilidade da terra e pelo controle do clima. A questão climática foi um fator importante na existência dessa civilização, pois estima-se que entre as causas do seu desaparecimento uma esteja relacionado ao fenômeno El Niño.

Com base na trajetória da Señora de Cao, meu objetivo nesse trabalho é demonstrar a importância do papel da mulher na sociedade mochica, além de como sua descoberta vem

colaborando para dar visibilidade à figura feminina no contexto histórico. Também pretende-se mostrar que a presença feminina na história estava em diferentes ocasiões, inclusive nos cargos de liderança. Para começar esse estudo e, diante da grande quantidade de livros e documentários que estão surgindo no Peru e no mundo sobre a primeira mulher governante Moche, minha pesquisa será direcionada à descoberta da Señora de Cao e seu impacto nas pequenas comunidades rurais do entorno do local da descoberta. Para tanto, o trabalho será dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, será abordada a localização dos sítios arqueológicos, no tempo e no espaço, a história da cultura Mochica e sua organização social, política e cultural, além das causas do declínio da Civilização Moche. No capítulo 2, será detalhada a história da Señora de Cao, a descoberta de seu fardo funerário, as tatuagens que estão em seus braços e sua posição na sociedade. E, por fim, no último capítulo será abordado o papel da mulher na sociedade mochica e a contribuição da arqueologia de gênero para colocar em valor o papel da mulher no passado e no presente.

2 CONTEXTUALIZANDO A SEÑORA DE CAO

A história da Señora de Cao tem como pano de fundo a história da antiga Civilização Mochica que ocupou a região norte do Peru há mais de 1700 anos. Localizada num tempo em que homens e mulheres viviam em conformidade com os ritmos da natureza, a cultura mochica organizou sua sociedade num ambiente estrutural formado por templos e pirâmides, onde cultuavam seus deuses, oferecendo sacrifícios para um bom convívio entre os mundos (acreditavam no mundo de cima e no inframundo, o mundo de baixo). É a partir desse ambiente que começa a ser escrita a história de uma mulher que foi mãe (faleceu após dar à luz), foi xamã e governante-guerreira, pois esteve no mais alto posto de sua sociedade.

Dentro dessa sociedade, onde a noção de poder talvez tivesse uma conotação diferente da que conhecemos atualmente, vemos a ascensão feminina em um ambiente conduzido pela fé em deuses ancestrais que perpetuam sua vida através dos tempos. Esse parece ser o destino da Señora de Cao, uma representante mochica que atravessou séculos e, atualmente, ressurgiu como uma surpreendente descoberta. Para um povo que não acreditava na morte, o simbolismo dessa descoberta ganha vida e parece se perpetuar na atualidade. Seja através dos artefatos e objetos que fizeram parte da vida da Dama de Cao e da sua sociedade, desde as mais simples formas que possam contextualizar esse passado, até os mais enigmáticos seres antropomorfos, figuras que rodeiam o mundo mochica.

Os restos esqueléticos da Señora de Cao foram encontrados no sítio arqueológico denominado Huaca Cao Viejo, dentro do Complexo Arqueológico El Brujo, localizado na costa norte do Peru (Figura 1).

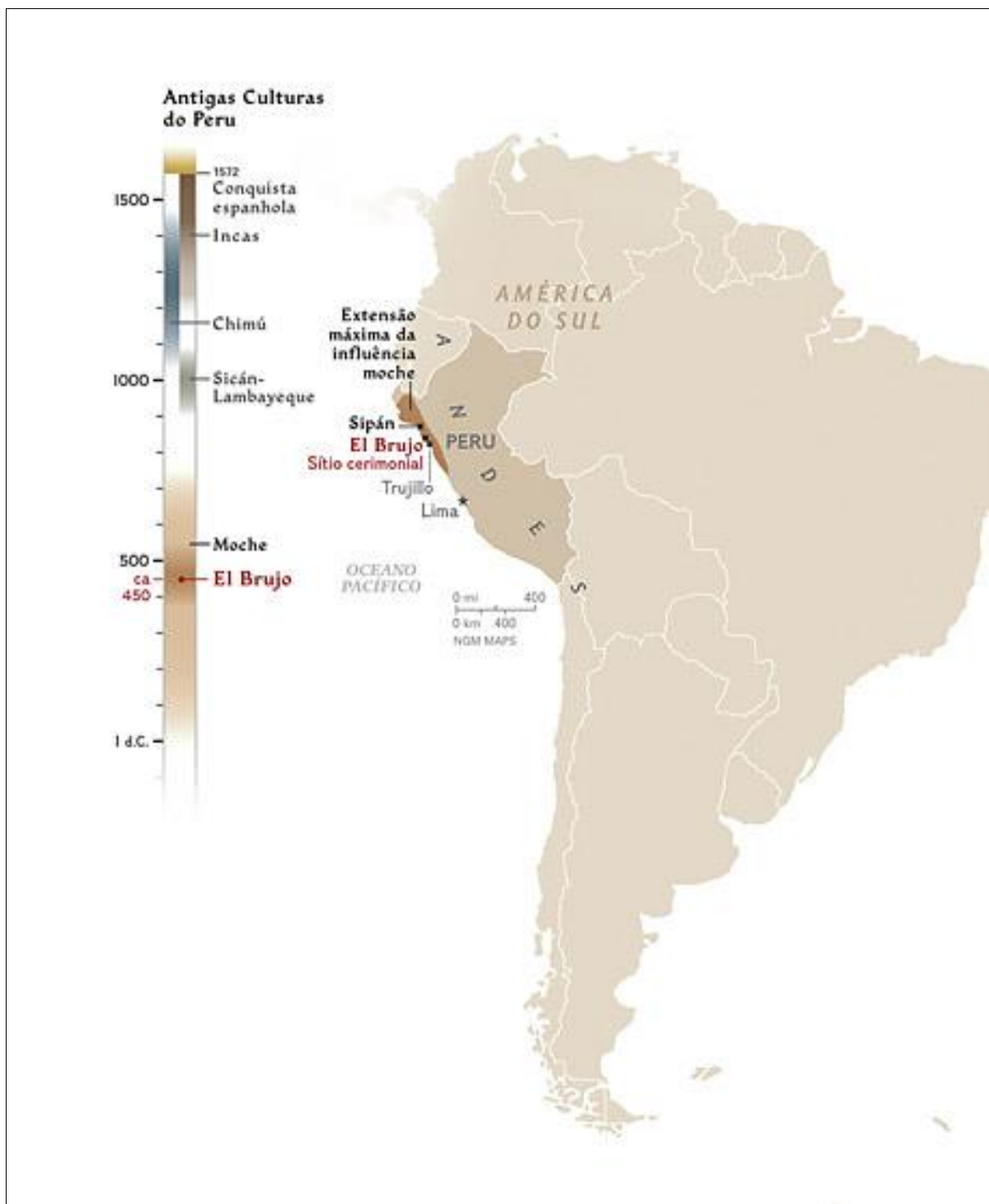


Figura 1 - Mapa da situação espaço-temporal do Complexo Arqueológico El Brujo
Fonte: Williams (2017)¹

¹ Disponível em: <<https://www.arqueologiadelperu.com/senora-de-cao-face-to-life/>>. Acesso em: 05 out. 2018.

2.1 A ARQUEOLOGIA NA COSTA NORTE PERUANA E O COMPLEXO ARQUEOLÓGICO EL BRUJO

O começo das pesquisas arqueológicas na costa norte do Peru tem seus registros na história dos descobrimentos dos sítios arqueológicos pelo cientista alemão Max Uhle, em fins do século XIX, quando fez as primeiras escavações ao redor da Huaca del Sol. Uhle é considerado o descobridor da cultura que ele chamou de Proto-Chimu, a mesma que mais tarde o arqueólogo peruano Julio César Tello passou a classificar como Cultura Moche, em referência ao rio Moche que corre na região. Posteriormente foram os trabalhos do arqueólogo Rafael Larco Hoyle que deram reconhecimento a região numa obra de catalogação das culturas que ali habitaram. Sua contribuição pode ser descrita como uma das primeiras a abranger uma grande quantidade de informações sobre a região norte do Peru.

Conforme uma sequência de pesquisas nos anos de 1930 e 1940, com os alemães Henrich Ubbelohde-Doering, Hans Disselhoff e Gerdt Kutscherque, o primeiro concentrou sua pesquisa no Vale de Moche, Chicama e Jequetepeque, enquanto que o segundo analisou os sítios de Huaca Negra, San José de Moro e Viru. E por último, Kutscher estudou a iconografia mochica a partir de uma análise da cerâmica, sua intenção era identificar os elementos iconográficos e também as cenas representadas dentro de um marco temático. Nas décadas de 1950 e 1960, começam a surgir os primeiros arqueólogos peruanos, entre os quais se destacam Luis G. Lumbreras, Rosa Fung, Duccio Bonavia, Isabel Flóres e Ramiro Matos. Nesse período também surge o nome de Christopher B. Donnan, que realizou seus estudos sobre a ocupação Moche no Vale de Santa. Os Projetos Chan Chan-Vale de Moche e Pampa Grande foram um dos maiores realizados no fim da década de 1970. Nele, Michael E. Moseley e Carol Mackey tinham como objetivo reconstruir a história pré-colonial do Vale de Moche (UCEDA; MUJICA, 1994).

A partir de então e, principalmente nos anos 1990, alguns projetos passaram a ser desenvolvidos na região norte do Peru. Um desses Projetos é o do Complexo Arqueológico El Brujo. Localizado na costa norte do país, sobre uma plataforma geológica triangular em uma extensa faixa de terra às margens do Oceano Pacífico, o Complexo é formado pelos sítios Huaca Preta, Huaca Cao Viejo e Huaca Cortada. Huaca Preta tem um registro arqueológico de mais de 5 mil anos de sucessivas ocupações, localizada na porção sul e possui esse nome justamente por suas características que são as terras escuras, resultado dos anos de ocupações das diversas culturas que foram se estabelecendo na região. Já os sítios de Cao Viejo e Huaca Cortada apresentam vestígios de ocupações posteriores. Huaca Cortada, à primeira vista,

parece uma grande elevação de terras com um corte central. Devido aos efeitos do tempo e à ação dos saqueadores, essa pirâmide aparentava estar bastante comprometida, mas aí repousava o Señor de Sipán, um dos primeiros, maiores e mais bem conservados túmulos de governantes mochicas. Cao Viejo, por sua vez, está localizada na margem direita do Vale de Chicama, na parte baixa, próxima ao litoral, pertencente à província de Ascope² (Figura 2).



Figura 2 - Foto aérea do Complexo Arqueológico El Brujo com a localização dos sítios mais importantes
Fonte: Jordan (2016)

O Complexo Arqueológico El Brujo está localizado a 60 quilômetros da cidade de

²Documentário National Geographic BBC: Secretos de La Señora de Cao o Dama de Cao. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B10Je0lPtUI>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

Trujillo, e a 4 quilômetros do povoado de Magdalena de Cao, na província de Ascope, pertencente ao departamento da Libertad. Também está a 3 km ao norte da margem direita da desembocadura do rio Chicama, adjacente ao litoral marinho. Assenta-se, desde os seus primórdios, num terraço geológico de origem aluvial, com uma elevação aproximada de 8 metros acima dos campos de cultivo nos lados leste e norte, enquanto a superfície no lado oeste fica a 15 metros acima do nível do mar (JÓRDAN, 2017).

Huaca Cao Viejo é o principal santuário moche dentro do Complexo. Os componentes arquitetônicos do Complexo são o edifício principal, a praça cerimonial e os anexos. Nesse sítio foram descobertos os primeiros relevos policromados mochica (Figura 3).



Figura 3 - Exemplo de relevos policromados mochica: procissão de cativos na Huaca Cao Viejo
Fonte: Flickr (2014)³

Na pirâmide Huaca Cao Viejo foi encontrada uma câmara funerária de adobe pertencente à época Mochica Tardia, além de tumbas com restos de esqueletos de mulheres que seriam sacerdotisas (enterradas com seus pertences e oferendas). Comparativamente, Huaca Cao Viejo foi o templo mochica de maior importância dentro do complexo; era o local de celebração dos cultos e, junto com a praça principal, formava o santuário do Complexo. Estima-se que tenha surgido no início da era cristã, se estendendo até o século VII d.C. Seguindo um costume já verificado em outras regiões, as construções anteriores não eram

³ Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/zug55/>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

destruídas, mas sobrepostas em camadas a cada nova fase (Figura 4). As análises confirmam que é possível distinguir pelo menos sete edificações que foram sucessivamente sendo construídas, formando a pirâmide escalonada, com tijolos de adobe.

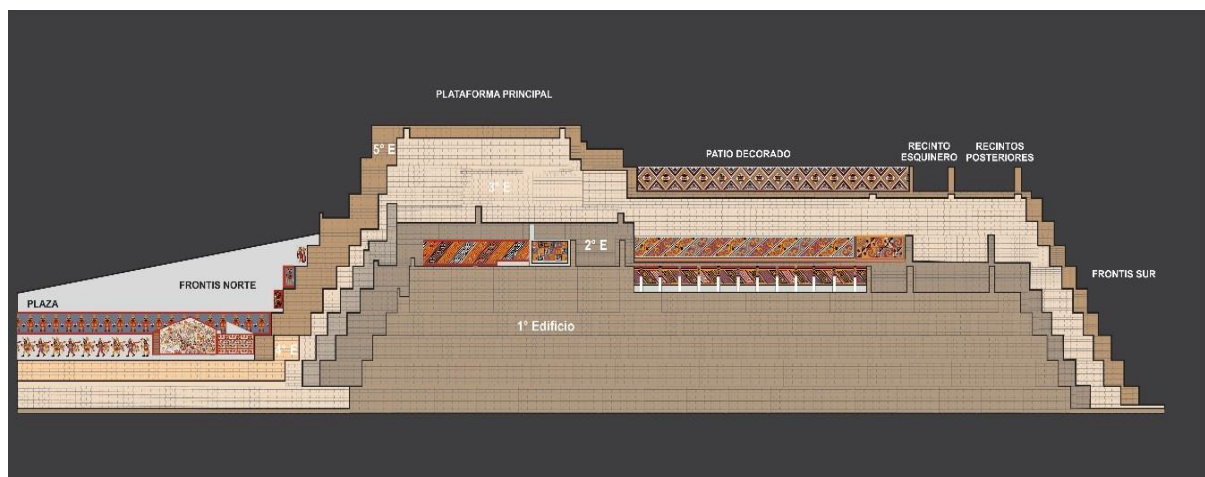


Figura 4 - Maquete da pirâmide Huaca Cao Viejo
Fonte: Centro Arqueológico El Brujo (2016)⁴

Complementando o espaço, havia uma praça cerimonial, além de um pátio e outros locais para sepultamentos (figura 5) correspondentes à fase cerâmica Mochica IV (JORDÁN, 2017).

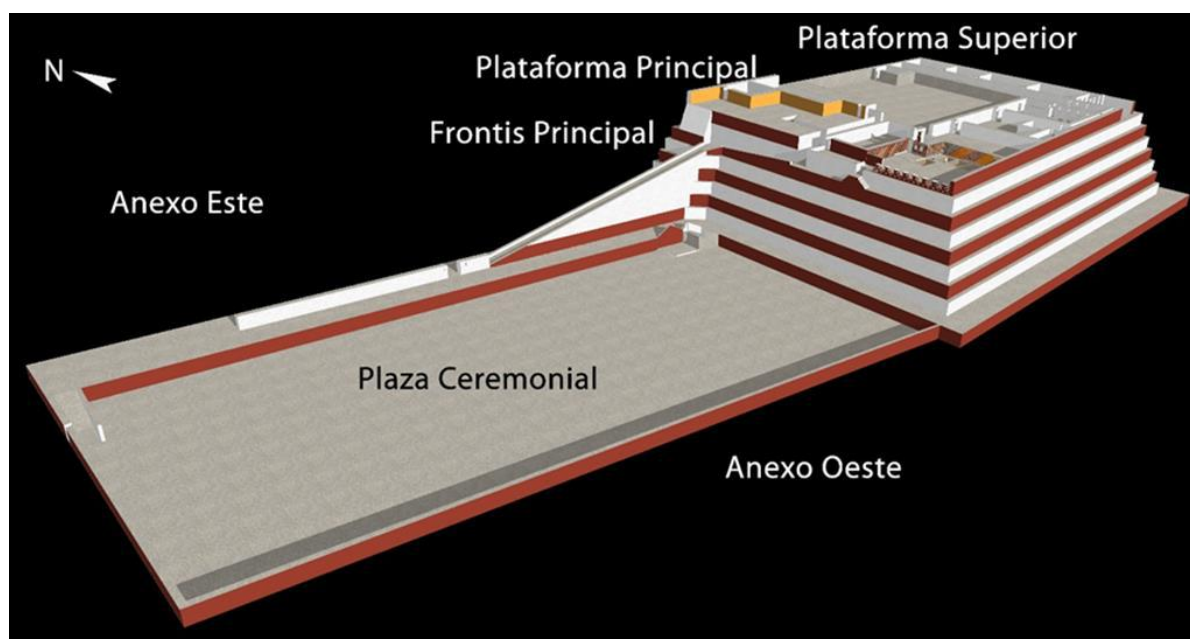


Figura 5 - Reconstrução de Huaca Cao Viejo. Praça cerimonial local dos grandes cultos
Fonte: Centro Arqueológico El Brujo (2016)⁵

⁴ Disponível em: <<https://edoc.site/el-brujopdf-pdf-free.htm>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

Segundo Giancarlo Cesar Urbina Castillo⁶ (2001), o estilo arquitetônico de Huaca Cao Viejo faz parte de uma tradição que preservou um modelo próprio dessa cultura com seus prédios que se destacam pelo tamanho e pela forma como eram dispostos. Sua ocorrência pode ser encontrada numa área que abrange desde o Vale de Jequetepeque até o Vale de Nepeña.

[...] los edificios monumentales se encuentran construidos sobre plataformas asimétricas, muchas veces con fachadas lisas. Los extremos de esta tradición arquitectónica están marcados por la huaca “Dos Cabezas”, en el valle de Jequetepeque, y por el sur con “Pañamarca”, en el valle de Nepeña. Entre ambos extremos están ubicados “Huancaco” en Virú, “Huaca de la Luna” en Moche, y “Cao Viejo” en Chicama. Y de entre éstas las más parecidas a “Cao Viejo” son las de “Pañamarca” y “Huaca de la Luna”, por la disposición de sus frentes, orientados hacia el noreste, y por características arquitectónicas similares. (CASTILLO, 2001, p. 51).

2.2 ORIGEM E ORGANIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA DA CULTURA MOCHE

A origem da civilização Moche ou Mochica estaria na fusão das culturas Cupisnique, Salinar, Vicus e Viru e o seu auge corresponde ao período intermediário que, segundo a teoria de Rafael Larco, é a época do desaparecimento da cultura Nepeña e a ascensão das culturas Mochica e Nasca (HOYLE, 2001). Estruturalmente, a Civilização Moche desenvolveu uma arquitetura piramidal, palácios e santuários⁷, entre os quais se destacam Huaca del Sol e Huaca de la Luna. Sua presença também ocorreu em muitos outros centros populacionais nos vales da costa norte do Peru, tais como Lambayeque, Jequetenpeque, Chicama, Moche, Viru, Chao, Santa e Nepeña, onde se encontram, entre outros, os sítios de Sipán, Pampa Grande, Dos Cabezas, Pacatnamu, San José de Moro, El Brujo, Mocollope, Cerro Mayal, Galindo, Huancaco e Panamarca. Devido à grande extensão de áreas que foram sendo ocupadas ao longo da costa andina, a hipótese atual é a de que, durante as fases de desenvolvimento da cultura mochica, diversos povos foram se organizando em cada vale. Na visão de Castillo e Uceda (2018), a chave para explicar a origem da sociedade Mochica está na heterogeneidade dessa antiga civilização que, ao contrário do que Larco defendia, era menos homogênea do que parece. Nessa questão, os autores assinalam que Larco não procurou aprofundar sua pesquisa a fim de encontrar a origem dos Mochicas. Sua trajetória foi direcionada ao estudo do ponto de vista da evolução cultural, principalmente com a evolução da cultura material,

⁵ Disponível em: <<https://edoc.site/el-brujopdf-pdf-free.htm>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

⁶ Tese para obter o título de arquiteto.

⁷ Para mais informações, consulte: <http://tweb84-timwalterespinosa.blogspot.com/2016/10/culturas-del-intermedio-temprano-moche.html>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

“particularmente la secuencia cerâmica” (CASTILLO; UCEDA, 2018, p. 6). Os argumentos sobre a origem da Cultura Mochica partem de uma teoria da multiplicidade de origens que foram surgindo na costa norte do Peru e em momentos diferentes. Na análise dos autores, a base ancestral seria formada a partir de um período pós-formativo das culturas Galinazo e Salinar (CASTILLO; UCEDA, 2018).

Socialmente, os mochicas estavam organizados em senhorios de diferentes regiões que compartilharam uma série de elementos comuns ao longo de sua história; os indícios mostram que havia um compartilhamento cultural. No âmbito estatal, o poder teocrático era exercido por homens e mulheres que acumulavam também os serviços militares. A organização social estava baseada em uma cultura altamente voltada para o plano religioso que envolvia um grande aparato de serviços e pessoas que trabalhavam para manter a estrutura controlada por uma elite especializada. Havia também uma hierarquia social de governantes que controlavam seus territórios. Com relação ao trabalho, as funções mais desempenhadas pelo povo eram as atividades nas lavouras, a construção dos canais de irrigação e a produção de tijolos de adobe, além do manuseio com o metal e a cerâmica. Os mochicas também se destacaram pela construção de grandes pirâmides, sendo que nos templos religiosos estão os grandes murais com representações vinculadas aos cultos e oferendas aos deuses e onde podem ser vistos vários tipos de seres humanos e seres sobrenaturais.

As pirâmides foram encontradas em diferentes regiões da costa norte do Peru. Em algumas das cenas, prisioneiros são levados em fila, amarrados pelo pescoço, seguindo para o ritual de sacrifício (Figura 3). São bastante encontradas as artes com seres antropomorfos, e as formas mais representadas são as de peixes, aranhas, serpentes e felinos. Contudo, é na cerâmica onde a pictografia tem colaborado para contextualizar a Cultura Mochica, incluindo os registros da participação feminina em diferentes atuações.

A presença feminina está registrada em diferentes papéis dentro da sociedade; lideranças femininas tinham funções equiparadas a dos homens, chegando mesmo a assumirem o *status* de governantes. Acredita-se que a estrutura da sociedade Mochica era formada por uma aristocracia militar, seguida por uma classe de importantes sacerdotes e sacerdotisas que conduziam os rituais de sacrifícios, e de uma liderança política que estava no mais alto posto. A classe dos nobres era respeitada pelo temor e pela obediência que os súditos deviam aos seus senhores. Os mais conhecidos, como o Senhor de Sipán e a Senhora de Cao, adquiriam as responsabilidades de um governante, que estava em percorrer suas terras, além de participar dos rituais que movimentavam a vida dos seus povoados. Abaixo da

classe dominante, acredita-se que havia pelo menos duas classes, uma onde se encontravam os artesãos, os ourives e toda uma gama de trabalhadores que se mantinham em posições diferenciadas pelas tarefas que desenvolviam, parte que era fundamental para a manutenção da elite. E, por fim, a base da pirâmide, onde estava a maioria do povo, os agricultores considerados mais pobres, ou o povo comum que, em geral, era responsável pelos trabalhos mais pesados.

Com base nos enterramentos, também é possível diferenciar restos mortais de indivíduos que pertenceram à elite e aqueles que não disponibilizavam de recursos. Para os mais pobres, eram reservadas as pequenas câmaras mortuárias com tumbas em nichos na região sul, e tumbas em forma de bota na região norte, apesar de ser improvável que tivessem acesso às funções de liderança. De certa forma, mantinham algum contato com as representações cerimoniais. As diferenças entre a elite e o povo também são perceptíveis pelos objetos e enfeites encontrados junto aos seus contextos funerários. Em sua maioria, os enterramentos do povo são menores e pouco elaborados. Um exemplo foi encontrado em San José de Moro, onde os pobres (entre eles as mulheres e as crianças), estavam enterrados em covas muito simples e de pouca profundidade. Segundo Castillo e Uceda, também não se percebe entre as classes mais baixas um cuidado com os rituais de preparação dos mortos; as vestimentas eram simples e gastas, enquanto que as habitações eram feitas com paredes de pedras e acesso limitado aos recursos (CASTILLO; UCEDA, 2007).

A sociedade também se diferenciava ao longo do território. Por exemplo, havia maior produção de ouro na porção norte, enquanto a porção sul se destacava por uma grande produção de cerâmica. A estrutura sociopolítica em muitos desses pequenos estados não teria alcançado um suporte suficiente para agruparem-se ao governo. Nessa mesma hipótese, as elites autônomas governavam os vales (um ou mais vales), sendo que em muitos foram encontrados vestígios de que as mulheres também estavam no topo da classe governante. Como exemplo, as sacerdotisas encontradas em San José de Moro, no Vale de Jequetepeque (LEMLIJ; MILLONES, 2016). Desde 1991, os trabalhos realizados no Complexo Arqueológico San José de Moro têm revelado importantes descobertas de enterramentos de mulheres que vem mudando interpretações equivocadas que limitavam a participação feminina nos quadros de poder. Segundo Luis Jaime Castillo Butters, os contextos funerários dessas Sacerdotisas revelam que essas mulheres tinham um *status* elevado, derivado de suas funções rituais que lhes davam independência em relação aos homens. As tumbas descobertas no Vale de Jequetepeque no período entre 400 e 1000 d.C. são um atestado desse poder feminino na sociedade Mochica (BUTTERS, 2005).

No plano geográfico, a cultura Mochica se manteve por quase 700 anos na região Norte da Cordilheira dos Andes, onde ocupou as áridas terras da planície costeira do Peru, às margens do Oceano Pacífico. Estavam delimitados pelos Vales dos rios que cortam a região, sendo que ao Norte estão os Vales do rio Piura, Lambayeque e Jequetepeque, e ao Sul o Vale do rio Nepeña, onde se encontram outros vales menores, sendo eles os Vales do Chicama, Moche, Virú e Santa (BUTTERS; 2005). A capital do Estado, a localidade de Moche, também era sede do governo e centro religioso, além dessa capital outros departamentos que foram importantes para a organização política e administrativa, entre eles Pampa Grande e Galindo.



Figura 6 - Mapa da costa norte do Peru com a localização dos sítios mochicas
Fonte: Jordán (2016)

Politicamente, a civilização mochica, em princípio, teria formado um Estado centralizado, com um governante que detinha o poder e a ordem, e seus domínios se estendiam por toda a costa Norte. Nessa teoria defendida por Rafael Larco Hoyle (2001), não havia ainda a hipótese aceita atualmente de que o Estado Moche fez parte de duas regiões

(mochicas do Norte e mochicas do Sul, veja mapa na Figura 6). Na visão de uma organização estatal, haveria um sistema integrado por uma classe de homens que garantiriam a ligação entre os Vales, e no topo dessa organização estava um governante de caráter dinástico, teocrático e onipotente, que controlava e dirigia com normas severas a união estatal (HOYLE, 2001).

Os estudos mais recentes vêm demonstrando alguns pontos contrastantes dessa visão de um governo centralizado conduzido por um monarca. As novas teorias propõem que a organização política mochica estava constituída por uma estrutura de poder com unidades políticas independentes (mas interativas), que se comunicavam compartilhando as mesmas influências culturais. (BUTTERS; CASTILLO, 2007). Dessa forma, embora houvesse diferentes governantes ao longo dos vários Vales, a continuidade cultural se manteve vinculada entre as unidades políticas. Além disso, havia um compartilhamento de elementos comuns entre as porções norte e sul do Estado. Por exemplo, falavam a mesma língua, realizavam ritos cerimoniais semelhantes e compartilhavam a mesma influência cultural.

Por tudo isso, embora houvesse semelhanças que indicariam uma interação entre os mochicas de diversas regiões, segundo Castillo e Donnan (1994), não se pode concluir que o poder era centralizado; pelo contrário, como já referido, nessas regiões existem indícios do desenvolvimento de estilos que podem ser considerados próprios, com características que refletem entidades políticas e sociais independentes. A hipótese atual trabalha na ideia de que houve traços comuns entre as regiões, porém existiram diferenças nas estruturas políticas, o que não significou diferença cultural. E a causa dessa não separação provavelmente estivesse no compartilhamento da religião e dos costumes, elementos condutores das elites (CASTILLO; DONNAN, 1994).

Na religião, a deidade principal foi o deus Ai Apaec, também chamado de o deus degolador (Figura 7). Suas feições se parecem a de um felino, com destaque para suas presas que lhe conferem uma imagem ameaçadora. Ai Apaec era considerado um herói ancestral, que possuía o poder de ave, felino e serpente, atributos que lhe permitiam transitar entre os mundos, conectando os humanos com os mortos⁸. Além disso, os mochicas acreditavam que cada elemento da natureza e do universo estava representado por divindades relacionadas com a terra, com o mar e, principalmente, para a garantia de um bom cultivo das plantações. Para que os deuses mantivessem a ordem do universo e da terra, seus seguidores realizavam

⁸ El arte mochica del antiguo Perú. Oro, mitos y rituales. Organización y producción: Obra Social” La Caixa”, con la colaboración del Museo Larco de Lima (Perú). Comisariado: Ulla Holmquist, comisaria del Museo Larco. Lugar: CaixaForum Palma (Plaza de Weyler, 3). 2015/2016.

sacrifícios, o sangue servia de oferenda para a renovação e a fertilidade da terra, ao mesmo tempo que simbolizava uma homenagem aos ancestrais.



Figura 7 - Representações de Ai Apaec, conhecido como o degolador, aqui apenas duas entre uma variedade de formas nas quais foi representado. Sua característica as presas de felino, à direita Ai apaec com o cinturão de serpente

Fonte: Museu Larco (s.d)⁹

Relacionada a essa fertilidade da terra, entre as obras deixadas pelos mochicas, além das pirâmides e dos templos, os canais de irrigação impressionam pela técnica de engenharia hidráulica. Como veremos mais adiante, o sistema de irrigação continua sendo ainda hoje um dos mais importantes sistemas de transporte de água que cruzam pelas terras secas do norte peruano. Esse sistema foi muito utilizado para manter as terras produtivas, e foi fundamental para a permanência dos povos que ocuparam a região onde, na maioria dos meses, havia escassez de água. As terras áridas só poderiam ser cultivadas se houvesse acesso a esse recurso que possibilitou o aumento das áreas de plantação e, conseqüentemente, maior produção de alimentos. Tal produção está intimamente vinculada às características geográficas do Peru; a região norte apresenta áreas de terras bem variáveis e, entre o limite do Oceano Pacífico e a grande Cordilheira, podem ser encontrados três regiões bem diferentes: a costa, a serra e a selva, com clima, flora e fauna igualmente variáveis. Essa característica pode ter influenciado na ocupação do território mochica, sobretudo na intensidade de desenvolvimento e do crescimento populacional. A grande quantidade de vales existentes na região e seus muitos rios que descem da Cordilheira foram pontos positivos que favoreceram a extensão de terras cultivadas, em detrimento do extenso deserto costeiro. O

⁹Disponível em: <<http://www.museolarco.org/catalogo/ficha.php?id=3596>>. <<http://www.museolarco.org/catalogo/ficha.php?id=14772>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

desenvolvimento ocasionado pela irrigação trouxe mudanças também para a sociedade, surgindo uma “diferenciação social”, e com ela a necessidade da organização das estruturas que firmariam o Estado, quais sejam as pirâmides, os templos religiosos, entre outros. (CASTILLO; UCEDA, 2018). Por isso a irrigação era importante não apenas para a sobrevivência e uso diário dos recursos hídricos, tal qual conhecemos hoje.

Para esses povos, os elementos da natureza tinham significados místicos, e os poderes invocados como divinos provavelmente eram utilizados pela elite que servia de mediadora entre o mundo de cima, que representava a luz, a vida, a fertilidade da terra, e o mundo de baixo, o submundo, as trevas e o caos. John Murra (1999) assinala a importância que teve a variação climática para os povos dos Andes, desde a costa com seu clima desértico e árido, ao altiplano, com seu clima frio e seco. Essa variabilidade foi superada principalmente com o conhecimento dessas técnicas de irrigação, fator que influenciava na semeadura e no repouso das terras. Nas palavras do autor, haviam sacerdotes que ficavam encarregados de observar o melhor momento para a semeadura conforme, a progressão das sombras (MURRA, 1999). Ou seja, havia o costume de observar os ciclos sazonais em virtude da escassez de chuvas ou a ocorrência de enchentes, as quais se sabe, hoje, eram ocasionadas pelo “El Niño”. Murra também observa que a condução desses trabalhos dependia da orientação que os camponeses recebiam de sacerdotes encarregados, tanto da parte prática (que estava em acompanhar os trabalhos dos camponeses e o melhor momento para o plantio e a colheita), quanto na parte espiritual, (que era igualmente importante para a obtenção de uma boa produção, e dependia também das oferendas aos deuses). Os sacrifícios eram parte desse processo: “Los mismos sacerdotes determinaban las fechas apropiadas para las ceremonias religiosas, muchas de las cuales eran inseparables del calendario agrícola, y supervisaban los ayunos y sacrificios realizados todos los meses [...]” (MURRA, 1999, p. 42).

É interessante observar o quanto o real e o sobrenatural interagiam no dia a dia desses povos. Num mundo de seres que se confundiam entre essas duas dimensões, a crença em divindades que conduziam os destinos de homens e mulheres também exigia sacrifícios em benefício desses mesmos deuses. Entre as causas pela procura do divino, estavam desde a busca de recursos marinhos até as chuvas que, dependendo da ocasião, variavam de períodos de seca a inundações que devastavam as lavouras (LEMLIJ; MILLONES, 2016). Por isso, o culto a essas divindades também estaria ligado aos rituais de decapitação (Figura 16), momento em que o sangue dos mortos era vertido em oferenda para agradar ao ser supremo. Na prática, esse ritual era uma tentativa de prever o clima e controlar as ocorrências de catástrofes que poderiam devastar a região, atingindo os campos de cultivo, inclusive

danificando os canais de irrigação. Como veremos, houve todo um esforço, por parte das civilizações andinas, para compensar a escassez de água, no que certamente a irrigação foi uma técnica fundamental aliada ao conhecimento da região e da experiência sobre os fatores climáticos. Atualmente, não se descarta a hipótese de que o declínio da Civilização Mochica possa ter sido ocasionado pelos fenômenos climáticos, principalmente por força do El Niño.

2.3 COLAPSOS E RECONFIGURAÇÕES NA SOCIEDADE MOCHE

Algumas teorias têm apontado causas do colapso da civilização mochica. Uma das mais perceptíveis é a do fenômeno El Niño, sobre o qual se conhece a influência nos fenômenos climáticos que ocorreram na região, chegando mesmo a desestabilizar algumas regiões, obrigando os núcleos populacionais a se reorganizarem ocupando ou compartilhando outras regiões. Hugo Tsukayama, em seu estudo sobre as causas do colapso da civilização mochica, traz como exemplo a teoria de Tom Dillehay (2001, *apud* Tsukayama, 2006, p. 7) que vê a existência de uma grande circulação nos territórios de uma população que seria “altamente independente da elite”, se movimentando entre as cidades e as zonas de plantação de acordo com as necessidades de cada região (TSUKAYAMA, 2006. p. 7). Já a teoria de Garth Bawden (2001), analisada por Tsukayama, também fala sobre os desastres do clima, mas complementa com fatores que decorreriam de invasões estrangeiras e do aumento das tensões internas. Na medida em que o fluxo populacional ia ocorrendo de um Vale para outro, dependendo dos recursos disponíveis e das condições físicas, a situação política poderia sofrer com a queda de popularidade.

Estudos realizados entre 1970 e 1980 nas geleiras da Cordilheira dos Andes, referentes a um período de 1500 anos, revelaram uma instabilidade ambiental que durou praticamente durante todo o período Moche tardio (entre 550-800 d.C.), Segundo Shimada, citado em Rintel (2007), o clima foi marcado por sucessivos períodos de fortes secas e apenas um único período de precipitações excessivas (SHIMADA et al., 1991, p. 261; SHIMADA, 1994, p. 249, *apud* Rintel, 2007, p. 11). Por isso o conhecimento sobre as condições climáticas foi tão importante para a sobrevivência das antigas civilizações. Embora não deva ter sido o único responsável pelo declínio dos mochicas, certamente influenciou no processo de assoreamento da região e na instabilidade da classe política.

Por outro lado, existe uma corrente que defende a teoria de que a cultura mochica tenha entrado em declínio por fatores ideológicos. Rintel (2007), aponta algumas causas que teriam levado ao declínio dos moche, com base na tese proposta por Garth Bawden (2001), de

um “paradoxo estrutural”. Nesse modelo, as necessidades do povo entram em choque com os interesses da elite que concentrava um poder exclusivo, não contemplando a tradição andina que promovia a integração através da “reciprocidade, o parentesco e o culto aos ancestrais” Bawden (1995, p. 258; 1996, p. 223-224, *apud* Rintel, p. 8). Essa falha ideológica acabaria resultando em exemplos de decadência da sociedade. Através das análises da cidade de Pampa Grande (a maior cidade da porção norte mochica), há indícios de uma violenta revolta popular que teria como causa o crescimento da população estrangeira, ocasionando, inclusive, um choque de culturas e uma desorganização social que as autoridades mais tradicionais não souberam assimilar. Fato que teria levado ao descontentamento da população, gerando conflitos. Outra teoria, essa com causa em medidas coercitivas, também teria resultado em uma rebelião na cidade de Galindo, na região setentrional do território Moche Tardio, e também teriam gerado grande descontentamento popular. E o terceiro motivo da teoria ideológica apontada por Rintel seria uma proposta defendida por Luis Jaime Castillo, ao se referir às elites Moche Tardio. Nessa teoria, a causa estaria no descrédito das autoridades ao empreender um programa de revitalização ideológica de assimilação de outra cultura (os Huari), uma cultura igualmente grande. Para Castillo, o programa proposto pela elite desagradou a classe popular que não mais aceitava o grande distanciamento social e as regalias da nobreza (RINTEL, 2007). Além dos motivos elencados nessas teorias, fatores como os grandes períodos de seca que afetaram a economia, as guerras e variações climáticas são apontadas como causas que foram abalando a confiança da sociedade, gerando fraturas no sistema político-religioso e, provavelmente, o seu declínio.

Por sua vez, essa visão de colapsos teria sido resultante de uma série de processos que foram se estendendo ao longo de trezentos anos. Butters e Castillo falam de uma combinação de fatores em comum que levaram ao desaparecimento da organização Mochica. A velha fórmula de poder na qual a elite estava assentada começou a se desgastar; os ingredientes para esse colapso foram o discurso ideológico, os monumentos e os rituais debilitados pela instabilidade do meio ambiente e as ameaças externas incapazes de legitimar a estrutura da sociedade (BUTTERS, CASTILLO, 2007).

Em relação aos motivos que levaram ao fim da cultura mochica, a soma de fatores parece ser a mais plausível, uma vez que, conforme a sociedade foi evoluindo, algumas mudanças vão sendo operacionalizadas ao longo das fases de ocupação e, também, são percebidas transformações na estrutura do Estado. Os padrões encontrados em Huaca de la Luna, na primeira fase do período mochica, por exemplo, eram voltados para a utilização de elementos religiosos; a cerâmica ritual e a construção dos templos tinham todo um maior

investimento, se caracterizando por obras monumentais. Já na segunda fase, Butters e Castillo (2007), assinalam um abandono de algumas práticas tradicionais que marcaram as fases iniciais, entre elas os rituais de sacrifício e também o abandono de alguns centros, como ocorreu com a Huaca de la Luna. Em termos gerais, o colapso da cultura mochica parece ter atingido seu fim a partir do momento em que a elite precisou se adaptar a mudanças que lhe foram muito caras, com o fim do modelo político-religioso que caracterizou o período inicial e os fatores ambientais e sociais, todos propostos para esse colapso.

3. A SEÑORA DE CAO

3.1 A DESCOBERTA DA SEÑORA DE CAO

Desde 1990, o arqueólogo Régulo Franco, com o patrocínio da Fundação Augusto Wiese¹⁰, em parceria com a Revista National Geographic, trabalhava nas escavações do sítio arqueológico “Huaca Cao Viejo”. Localizado no norte do Peru, no Vale do Chicama, esse sítio faz parte do Complexo Arqueológico El Brujo. Como já foi dito anteriormente (ver capítulo 1), está distante 60 quilômetros da cidade de Trujillo, e a 4 quilômetros do povoado de Magdalena de Cao, na província de Ascope, que pertence ao departamento da Liberdade.



Figura 8 - Maquete do Mausoléu da Senhora do Cao
Fonte: Jordan (2016)

O mausoléu da Senhora do Cao está localizado no canto noroeste superior da frente principal do Huaca Cao Viejo, é um recinto cerimonial de 275 metros² que se destaca por seus murais policromados coloridos. Na parede sul estão gravados motivos estilizados do peixe life, um peixe de água doce, que dentro da cultura Mochica simboliza a abundância de água que vem das montanhas no verão, a mesma que rega os campos de cultivo. Este peixe serpentino (que será analisado no próximo capítulo) aparece representado em alguns murais com direções opostas, para o leste (montanha) e para o oeste (mar). Esses movimentos, como

¹⁰ Informações foram retiradas da página da Fundação Wiese, com tradução livre. Disponível em: <https://www.fundacionwiese.org/blog/la-senora-cao/>

veremos, eram muito significativos para os mochicas, deles dependiam o contato com o mundo de cima e com o mundo de baixo. Em alguns murais, outros elementos apresentam desenhos simbolizando ondas, também muito presentes nos murais, que estariam associados ao deus da água e da terra.

No lado norte da sala de canto, foram encontradas representações dentro de um quadro xadrez, interrompidos por dois nichos separados. Nessa representação, vemos um ser sobrenatural de frente, com traços felinos, com braços e pernas abertas, que se parece com um réptil ou caranguejo, animais vinculados ao inframundo. Este ser de características sobrenaturais é acompanhado por dois condores e cobras, todos localizados no nível da cintura. No fundo de cada representação, ainda podem ser vistas diferentes cores: vermelho, amarelo e preto. Os vestidos também têm diferentes formas e tonalidades: listras diagonais, listras verticais, figuras de peixes, círculos concêntricos, escada de ondas e figuras geométricas. O espaço cerimonial com murais artisticamente bem localizados são elementos iconográficos que formam parte do plano cosmológico mochica. O recinto mausoléu serviria para o culto da divindade do mundo subterrâneo. A Señora de Cao estava enterrada no lado do recinto esquerdo, perto do ser com traços felinos. Ao que parece pelas marcas pretas no piso, por muito tempo permaneceram os ritos de veneração em sua homenagem (FUNDAÇÃO WIESE, 2016).

Após cuidadoso trabalho que durou um ano, finalmente foi revelado ao mundo um fardo funerário que há mais de 1700 anos se manteve intacto nas ruínas da pirâmide de Cao Viejo (VILLAVICENCIO, 2017). A surpresa ficou por conta da descoberta de que a múmia ainda bem conservada tratava-se de uma mulher que ainda mantinha visível nos braços e em partes do corpo as tatuagens com desenhos de animais, plantas e figuras geométricas, possivelmente símbolos de sua importância dentro da sociedade, além de um grande enxoval funerário.

3.2 O FARDO FUNERÁRIO

No ano de 2006, esse achado arqueológico impressionou o mundo, o cenário faz parte das recentes descobertas que comprovam a importância feminina dentro da sociedade Mochica. Foram encontrados, dentro do seu fardo funerário, uma grande quantidade de objetos e tecidos que foram cuidadosamente manuseados. A abertura do fardo foi dirigida pela arqueóloga Arabel Fernández López. Inicialmente, houve todo um trabalho de verificação para que não houvesse danos no material que se mantinha há tantos anos intocado.

Para a análise dessa descoberta, que apresenta um roteiro detalhado da abertura do fardo formado por metros e metros de tecidos utilizarei as informações do site da Fundação Wiese, uma das instituições privadas que patrocinaram as escavações do Complexo Arqueológico El Brujo.

Primeiro foi realizada uma limpeza superficial e a utilização de uma máquina de raio X para uma primeira análise do conteúdo. Após essa primeira análise, na sequência seguiu uma série de níveis de desfardamento para a retirada da grande quantidade de tecidos do enxoval. No primeiro nível já foi possível verificar a presença dos dois mastros metálicos nas laterais, junto com placas quadradas de metal. Também foram encontradas jóias e vasilhas com cabeças de aves. O nível dois começou com a recuperação de um manto de algodão com mais de três metros de comprimento, com bordas decoradas em tapeçaria. No nível 3 havia um pano de algodão liso com 48 voltas. Nos seguintes níveis mais baixos apareceram bandas têxteis que envolveram o fardo em 13 e 41 voltas, respectivamente.



Figura 9 - Fardo funerário onde estava a múmia tatuada, nas laterais os bastões cerimoniais
Fonte: Jordán (2016)¹¹

¹¹ Disponível em: <<https://genetiker.files.wordpress.com/2016/02/lady-of-cao-bundle-2.jpg>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

No nível 7 apareceu um de tecido liso que estava bordado com o rosto de um macaco com pingentes em forma felina, pintadas com cinábrio vermelho escuro. O nível 8 tinha seis camadas de panos curtos e longos, onde foram encontradas placas de metal quadradas de cobre dourado.

No nível 17 começou a surgir o vestuário: havia quatro vestidos, dois estavam muito danificados, segundo as análises, possivelmente pelo contato com o fluído sanguíneo. Os outros dois vestidos ainda preservam suas características com desenhos que foram identificados de peixes estilizados. Estes vestidos provavelmente eram usados em momentos especiais, pois estavam cobertos por uma capa de algodão branco. No extremo do fardo, na altura da cabeça, foram encontrados emblemas de poder: dois bastões laterais, quatro coroas decoradas com suas respectivas diademas em forma de “V”. No nível 18, havia um manto de tela fina associada a artefatos e matéria prima para a produção têxtil. Ao todo foram encontrados 6 agulhas de ouro, uma de cobre, 13 flocos de algodão, 64 fusos de madeira e 2 agulhas também de madeira. No nível 19, tinha um manto onde foram encontrados insetos que morreram provavelmente em contato com o cinábrio (sulfato de mercúrio). No nível 20, havia 31 placas de cobre dourado, e 5 capas de tecido aderidas ao corpo (FUNDAÇÃO WIESE, 2016).

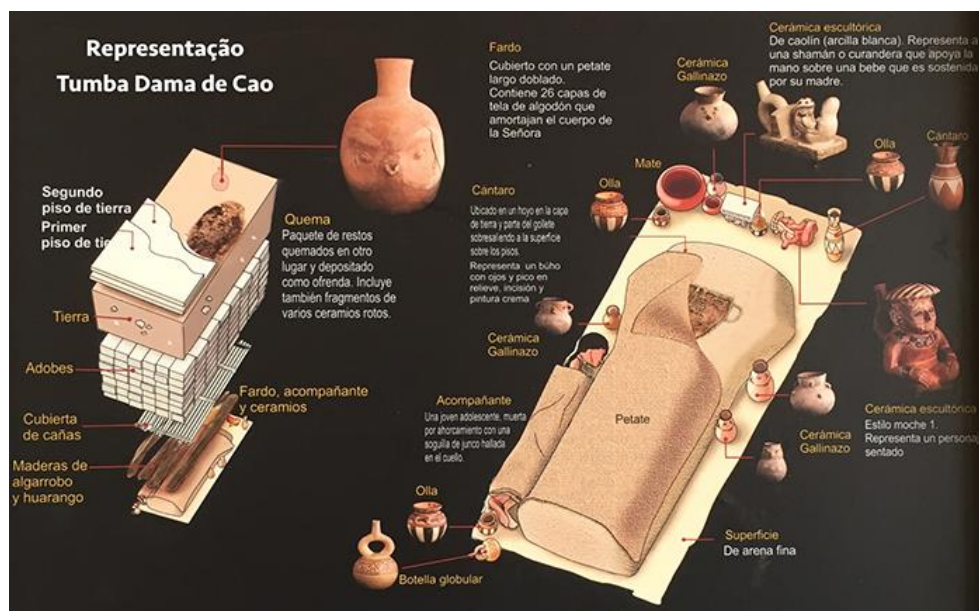


Figura 10 - Representação da tumba de Cao e os apetrechos da Señora do Cao

Fonte: Jordán (2016)¹²

¹² Disponível em: <<https://www.elbrujo.pe/wp-content/uploads/2017/06/Regulo-Franco-El-Brujo.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

Finalmente, após todas as etapas de análise de cada nível, foi revelado o corpo da Señora de Cao, com os braços unidos ao corpo e, um dos pés, quase sobreposto ao outro, estava ainda com a pele bem preservada. O rosto estava coberto com uma fina tela de algodão e por cima uma tija de cobre dourado, a mesma que foi usada para aplicar o cinábrio no corpo. Na testa havia um lenço curto e os cabelos separados em duas partes, uma de cada lado, com fios de algodão. Nos antebraços e nas mãos, foram encontradas tatuagens com formas de cobra, aranha, peixe raia, polvo, animal lunar, caracol terrestre, losangos, figuras estelares, plantas, triângulos e linhas retas. Enquanto linhas simples foram gravadas nos tornozelos e nos dedos dos pés. Ao redor do seu pescoço estavam as suas jóias pessoais: foram encontrados brincos, 15 colares com pontas douradas de cobre, ouro, prata, quartzo cristalino em suas diferentes tonalidades, entre elas turquesa e lápis-lazúli. Algumas contas de colares têm formas de rosto antropomórficas, um par de abafadores e cordões de brincos com incrustações de turquesa.



Figura 11 - As camadas do fardo funerário da Señora do Cao

Fonte: Viajar, ver e viver (2016)¹³

¹³ Disponível em: <<http://viajarvereviver.com.br/1844-dama-de-caou-senhora-de-cao/>>. Acesso em: 8 nov. 2018.

Da mesma forma, foi encontrado um tipo de estojo têxtil que continha 44 anéis de nariz bem elaborados em ouro, prata e cobre, com ênfase na dualidade e na complementaridade dos seres vivos que eles representam: prisioneiros nus com laços no pescoço, a divindade Mochica, animais bolinhas, camarões com cobras de duas cabeças, escorpiões, pelicanos, aranhas, condores, lagartos, raposas, peixes, etc., ou seja, muitas representações do mundo mágico religioso da Senhora do Cao. Sob o corpo da Dama de Cao foram encontradas 23 estólicas ou propulsores de madeira forrados com chapas de cobre douradas, decoradas com cabeças de seres humanos e aves. Estas ferramentas foram usadas pelos mochicas para a caça cerimonial de veados, como visto através da iconografia.

Essa grande lista descritiva faz parte do conteúdo que forma o fardo funerário encontrado no sítio de El Brujo. A grandesa dessa descoberta seria complementada com a descoberta de que o corpo mumificado pertenceu a uma mulher. Contando com o bom estado de conservação dos restos mortais da múmia, os cientistas puderam realizar exames que comprovam que a mulher tinha entre 20 e 25 anos de idade, 1,48 metro de altura e, pelas marcas de seu ventre aumentado, deduz-se que veio a falecer de convulsões pós-parto. Exames descobriram ainda a existência de sal e cinábrio (sulfato de mercúrio), indicando que foram utilizadas água do mar e mercúrio que agiram como conservantes. Esses elementos provavelmente foram utilizados num ritual de preparação do corpo para a sua passagem para o mundo superior. Perto da tumba foi encontrado um jarro na forma de uma coruja, localizado no canto sudeste do poço onde a Senhora de Cao foi enterrada. A coruja representa um animal sagrado no simbolismo mochica, está associada com o submundo e com a noite, e na iconografia é vista em sua forma antropomórfica, carregando nas costas os mortos. Também foram encontrados restos incinerados em um pequeno buraco localizado no canto noroeste da sepultura, nele estavam restos de tecidos, madeiras, agulhas de cobre, estrumes de roedores, espinhas de peixes, estatuetas de madeira, restos de cinábrio e fragmentos de pequenos vasos de cerâmica que foram quebrados como parte do ritual de purificação do enterro da Senhora de Cao (FUNDAÇÃO WIESE, 2016).



Figura 12 - Múmia da Dama de Cao, no complexo arqueológico El Brujo
Fonte: Tasso (2011)¹⁴

Sepultada com todas as insígnias de uma grande governante mochica, essa jovem senhora levou consigo as marcas de sua importância dentro do seu grupo social. A parafernália de seu fardo funerário confronta a teoria de que só os homens detinham o poder político (VILLAVICENCIO, 2017), já que esses artefatos encontrados junto ao corpo mumificado, entrelaçado aos tecidos, eram utilizados por ela quando participava dos rituais de sacrifício, ou quando estava desempenhando as suas funções de governança. Seu *status* pode ser comparado ao do Senhor de Sipán, descoberto pelo Arqueólogo Walter Alva em 1987, no sítio Huaca Rajada em Lambayeque. A tumba encontrada em Sipán permitiu, pela primeira vez, identificar o esplendor de uma túmulo com todo seu aparato funerário intocado (BORRERO, 2000, p. 4). Na visão de Régulo Franco, essa mulher tinha poderes para governar, fato comprovado pelos símbolos presentes em suas tatuagens que lhe outorgariam maior posicionamento no mundo espiritual.

Esses símbolos cerimoniais não deixam dúvida de que a Senhora de Cao era muito influente em sua sociedade, a principal prova estaria nos dois enormes “*mazos ceremoniales*”

¹⁴ Disponível em: < <http://www.tierra-inca.com/album/photos/view.php?lg=es&id=8928>>. Acesso em: 10 out. 2018.

até então inimagináveis em um contexto feminino. “Por lo general las porras, báculos y cetros se han hallado en entierros de varones y han sido interpretados como símbolos de autoridad ejercida por sus portadores en vida” (VILLAVICENCIO, 2017, p. 99). Comparativamente, a Senhora de Cao fez parte de uma hierarquia social próxima ou igual ao do Senhor de Sipán; na iconografia, essas insígnias de poder encontradas em seu pacote estão sendo comparadas com os da personagem “D”, ou quarto personagem da cerimônia de sacrifício, tema central da iconografia mochica. Nesta cena, encontrada em muitas das artes da Cultura Mochica, faz parte de uma cerimônia que consiste na entrega de uma taça ao personagem principal, pelo sacerdote “*búho*” (coruja), junto com uma sacerdotisa (FUNDAÇÃO WIESE, 2016). Essa representação encontrada sobre a cerimônia de sacrifício está sendo considerada de grande importância. Estas cenas, na verdade, seriam o registro de alguns dos principais personagens da elite Mochica em atuação, desempenhando suas funções rituais.

El personaje “A” que recibe la copa con sangre se identifica con el señor de Sipán, el personaje “B” o sacerdote búho también fue encontrado en una tumba en Sipán (Alva, 2008), mientras que el personaje “C” corresponde a una sacerdotisa cuya tumba fue descubierta por Luis Jaime Castillo en el año de 1991 en el sitio de San José de Moro, y el personaje “D” que era todavía una incógnita hasta el año 2005, se identifica con la Señora de Cao. En otra representación de la ceremonia del sacrificio (véase Donnan y McClelland, 2012: el personaje “D” está transfigurado en búho y es el que recibe la copa, tomando el lugar del personaje A. La corona, diadema, porra, nariguera, el vestido y las orejeras son atributos inconfundibles que se homologan con los objetos de la Señora de Cao, tanto que se puede manejar como hipótesis que ella encarnaba al personaje D y lideraba la ceremonia de sacrificio en los espacios ceremoniales de la parte alta del templo mayor. Su alto status tiene correspondencia con su entierro dentro de un recinto mausoleo del templo mayor, seguramente perenizada en este espacio como un ser semidivino (FUNDAÇÃO WIESE, 2016, s.p.).

O simbolismo presente nos ornamentos e emblemas que foram encontrados no sarcófago, os colares, coroas e diademas impressionam pela alta tecnologia com que as peças eram confeccionadas, principalmente o manuseio com o metal, uma arte em que os mochicas se especializaram com magnífica habilidade. As peças em cobre, ouro e prata, somadas aos tecidos bordados, também com elementos simbólicos, provavelmente eram utilizados em ocasiões especiais, como nos rituais de sacrifícios onde os governantes usavam suas roupas e adornos, demonstrando as insígnias que os diferenciavam na sociedade. Quanto ao uso de metais preciosos, para essas antigas civilizações, esses bens materiais tinham um valor especial para as atividades rituais. O ouro era comparado ao brilho do sol e a prata ao brilho da lua, por isso, eram de uso reservado da alta classe que tinha acesso a esses bens.

3.3 A DAMA TATUADA

A Senhora de Cao tinha os braços e parte do corpo tatuados com figuras de animais, plantas e outras formas abstratas. Segundo os estudos sobre tatuagens, publicado na Revista *Archaeobios*¹⁵, com uma pequena amostra da pele da múmia através da técnica MEB-EDS, o resultado indica que os principais componentes utilizados eram o sulfato de mercúrio e o óxido ferroso (FeO), este último obtido do suco dos frutos da “jagua” (*Genipa americana L*), uma árvore comum nas florestas úmidas da América Latina cujos frutos ainda hoje são utilizados pelos indígenas para pintar o corpo. Naquele contexto, em que o mundo dessas antigas civilizações dependiam dos elementos da natureza e do cosmos, percebe-se a força dos símbolos como os que a Senhora de Cao carregava em seu corpo (aranhas, serpentes, peixes, felinos, caracol, plantas, figuras abstratas, animal lunar, jaguar e figuras geométricas); eram símbolos representativos da vida religiosa e cotidiana dos mochicas. No caso das tatuagens, sem dúvida faziam parte do poder espiritual que esta mulher invocava no mundo do chamanismo ou do curanderismo (JORDÁN, 2015). O autor assinala como estão representados esses elementos na arte mochica, podendo ser encontrados em diversas formas e contextos do cotidiano em que homens e mulheres atuavam como representações de seres divinizados e com poderes de cura, de invocação dos componentes encontrados na natureza, ou de outros mundos.

En la cerámica Mochica (200 d.C.-800 d.C.), se observan representaciones escultóricas o iconográficas de sacerdotes u oficiantes, curanderos o curanderas nunca antes visto en la cerámica de otras culturas del área andina, son tan reales que ayudan a comprender algunos atributos personales de estos especialistas. Algunos sacerdotes u oficiantes están representados en ritos o en actitudes de preparación de ofrendas o invocación a las plantas sagradas como paso previo al mismo rito. Otros especialistas son representados en actitud de curación con pacientes extendidos, o personajes con menaje de curanderismo (JORDÁN, 2015, p. 9).

No caso da personagem descoberta em Cao Viejo, as fontes encontradas junto ao seu fardo colaboram para a teoria, hoje já bastante aceita, de que essa mulher exerceu um alto cargo na estrutura política-religiosa Moche. Na interpretação dos significados das tatuagens (VILLAVICENCIO, 2017), revela-se o quanto eram essenciais para a sobrevivência desses

¹⁵ Víctor F. Vásquez Sánchez, Régulo Franco Jordán, Teresa Rosales Tham Isabel Rey Fraile, Laura Tormo Cifuentes, Beatriz Álvarez Dorda. Estudio Microquímico Mediante MEB-EDS (Análisis de Energía Dispersiva por Rayos X) Del Pigmento utilizado em el tatuaje de la Señora de Cao. In: Revista *Archaeobios* nº 7, vol. 1, diciembre de 2013.

povos. As serpentes estão relacionadas com a água e a agricultura, e também representavam a união entre os dois mundos (o de cima e o de baixo); já as aranhas estão presentes nas práticas oraculares, suas teias tecem a trama espiral do universo. Outros elementos vistos em murais e na cerâmica Moche, como o sol, a lua e o mar, por exemplo, estão entre os agentes da natureza que moviam o ciclo vital da vida, influenciando as relações desses povos com a caça, o plantio, o controle do tempo, além das práticas espirituais. Na análise de Alicia Alvarado Escudero, que também fala da forte representação do mar na vida desses povos, todas essas formas decorativas inspiradoras, que são retiradas da natureza e são transmutadas aos sacerdotes e sacerdotisas, ganham vida quando estes se vestem e se adornam com os elementos representativos. As roupas, os colares, as tatuagens estão dentro desse conjunto de elementos representativos. A vida, ou Camac, definido por Carole Fraresso como "el soplo vital que anima los objetos de culto o las joyas que tienen una identidad peculiar. los adornos corporales se convertían así en ostentaciones visibles de los poderes sensoriales de las clases dirigentes" (ESCUADERO, 2015. p. 7)¹⁶. Seguindo a mesma linha de pensamento, o arqueólogo Régulo Franco assim define sobre as tatuagens no corpo da Senhora de Cao:

Es posible que los animales sagrados impregnados em sus extremidades le permitían desarrollar actividades de curanderismo y tener una fuerte conexión con los diferentes planos del cosmos. Para reforzar esta colección, logré encontrar una pieza de cerámica Mochica III en la colección del Museo Cassinelli de Trujillo, vinculada a una maestra curandera con tatuajes de serpiente en el antebrazo impone sus manos em el cuerpo de una paciente extendida (FRANCO, 2011, p. 100 *apud* VILLAVICENCIO, 2017).

Essa mulher que fez parte da elite mochica e, dentro desse grupo, de uma classe de sacerdotes e sacerdotisas, guerreiros e guerreiras, tinha poderes para atuar tanto no mundo terreno, quanto também no mundo divino. Suas vestimentas e tatuagens coincidem com as imagens do mural policromado onde seu fardo foi localizado e também com a imagem da única representação feminina que aparece no panteón mochica. São reformulações que têm contribuído para quebrar antigos conceitos que colocavam a mulher apenas em atividades até então relacionadas com as funções consideradas comuns ao sexo feminino. Ou seja, nas cenas pictográficas, geralmente veem-se figuras femininas executando atividades como de parteiras, curandeiras ou sacerdotisas, mas até então eram remotos os olhares que certificavam a possibilidade de uma mulher ser governanta de uma sociedade.

¹⁶ Americanía. Revista de Estudios Latinoamericanos. Nueva Época (Sevilla), n. 2, p.4-38, jul-dic, 2015.

3.4 O SIMBOLISMO DAS TATUAGENS

Os desenhos tatuados nos braços da Senhora de Cao inicialmente poderiam ser vistos como simples artes decorativas, não fossem o contexto religioso e místico onde a história dessa Senhora estava inserida.



Figura 13 - As tatuagens da Señora de Cao
Fonte: Complexo Arqueológico El Brujo (2018)¹⁷

A complexidade das formas e relevos da iconografia mochica têm impressionantes detalhes que registraram momentos da vida desses povos. Na maior parte, são registros de rituais religiosos conduzidos por personagens (sacerdotes ou sacerdotisas e xamãs) com roupas e adereços personificados de acordo com a cerimônia ou função que cada um desempenhava. Maria Lluïsa Sánchez David, em seu estudo sobre xamanismo, vincula os motivos que favoreciam o surgimento desses personagens às condições do clima e também à topografia da região dos Andes que, segundo a autora, gera um ambiente mais sensível à percepção dos elementos da natureza, e isso contribuiu para a maneira de conceber, viver e de ver o mundo. Neste mundo (andino), a experiência, que vem de geração à geração, pode ser entendida dentro de um modelo interpretativo onde: “lo *real*, en donde lo intelectual, afectivo y *práctico* se hallan indiferenciados. En el mundo andino, esta dimensión holística se manifiesta en el carácter ritual, en donde nada está exento de interpretación” (DAVID, 2012, p. 27).

Em consonância com essa visão, podemos encontrar nos desenhos tatuados na Senhora

¹⁷ Disponível em: < <https://www.elbrujo.pe/blog/semana-santa-vistete-los-tatuajes-la-senora-cao/> >. Acesso em: 15 nov. 2018.

de Cao uma interação entre o humano e o espiritual que se manifesta nas cores e nas formas estilizadas, ou mesmo antropomorfas, que foram gravadas em seu corpo. Em um estudo sobre análises físico-químicas de pigmentos, realizada por Véronique Wright¹⁸, dos pigmentos encontrados nos murais e nas cerâmicas de origem mochica, além dos laudos técnicos e resultados por amostragem dos componentes usados para elaborar as tintas, a autora fala também em uma dimensão mágico-religiosa que essas cores acrescentavam aos locais, onde se acredita que aconteciam as celebrações religiosas. Wright constatou o uso de ossos moídos de humanos e de animais na composição dos pigmentos de alguns murais. De forma analítica, o uso de pó de osso era uma técnica utilizada nas misturas de algumas cores, principalmente na cerâmica, para dar o tom vermelho (SWANN et al., 1999, *apud* WRIGHT, 2010, p. 46). No entanto, complementa a autora, há também uma forte “dimensão simbólica” nesse uso, como se as cenas dos seres desenhados nos murais pudessem ganhar vida, principalmente nas pinturas que enfeitavam as paredes dos centros cerimoniais. Nesse ponto parece fazer sentido preservar a presença e a proteção de seres divinos e ao mesmo tempo palpáveis. Da mesma forma, ou em complemento dessa, o uso do cacto São Pedro (*Trichocereus pachanoi*), um psicotrópico bastante conhecido das antigas civilizações andinas, também era muito utilizado nos rituais de sacrifícios por sua função alucinógena (TUFINO, 2012). Wright assinala que o uso dessa planta também se dava como uma complementação ao uso do pó dos ossos, ou seja, enquanto os ossos moídos possibilitavam entrar em contato com a parte palpável esculpidas nos murais e objetos cerâmicos, o alucinógeno possibilitaria a comunicação com o sagrado. Já os murais que cercam os templos seriam uma “ponte” que ligaria o mundo dos vivos com o mundo dos mortos.

Franco (2014), citado em Jordán (2015), aborda o uso dessas plantas psicotrópicas que tinham a função essencial para as divindades atingirem um estado de transe, e essas ervas auxiliavam a percorrer um caminho entre os cosmos e os homens.

[...] la presencia de este cactus sagrado em dos murales polícromos o Temas Complejos de las Huacas de Cao Viejo en el Complejo El Brujo y de la Huaca de la Luna en Moche, con más claridad en este último sitio. Dentro de una figura ovoide de carácter liminar o “huevo cósmico”, relacionada con el tema de la cosmogonía del mundo Mochica, aparece un ser antropomorfo de perfil que coge en la mano derecha un cactus de San Pedro y en la mano izquierda una porra; en el caso del mural de Huaca Cao Viejo, el personaje diseñado de perfil, sujeta, al parecer, también un cactus de San Pedro y además se encuentra acompañado de una figura estelar sobre su cabeza (FRANCO, 2014, p. 6).

¹⁸ Doutora em Antropologia, Etnologia, Pre-história (especialidade: Arqueometria aplicada à Arqueologia Pré-colombina). Institut Français d'Études Andines / 2010, 39 (2): 299-330.

Os temas iconográficos não se limitaram apenas a Huaca El Brujo, por toda costa andina há indícios da influência mochica, estejam eles nas pirâmides ou na grande variedade de cerâmica encontrada (MORA; RUNCIO, 2009). Apesar da degradação causada pela ação do tempo e dos saqueadores, os murais ainda conservam alguns desenhos e as cores, que se acredita que deveriam causar um grande impacto visual em seus espectadores; isso é perceptível principalmente nos templos religiosos. De tal forma, nota-se que a arte dos mochicas atua como um meio de comunicação que se aproveita dos recursos visuais para atingir um fim. A iconografia, portanto, tem um enorme potencial de transformar figuras em linguagem e os centros cerimoniais eram o eixo norteador dessas sociedades e onde as principais lideranças demonstravam seu *status*.

Com base nesse *status*, inicialmente analisarei dois símbolos presentes nas tatuagens da Senhora de Cao: o peixe e a serpente (mais adiante falarei da figura da aranha), e a importância da natureza como ponto de inspiração de homens e mulheres que se apropriavam dos recursos naturais para fundamentar seus dotes espirituais. Um desses símbolos tatuados, o peixe Life (*Trichomycterus sp*), aparece em muitos dos murais presentes na iconografia mochica. Seu corpo sinuoso e a cabeça semicircular dá ao peixe uma aparência de uma serpente e tem sido identificado em vários sítios arqueológicos revestindo murais, bem como na cerâmica. Inicialmente, César A. Gálvez Mora e María Andrea Runcio, em um estudo sobre o peixe life, listam em sua análise:

También existen lifes estilizados en los edificios tempranos de Huaca Cao Viejo (Franco et al, 2001b, 2004, 2005) que -en nuestra opinión- son similares a los existentes en Huaca de la Luna (valle de Moche) (Uceda y Tufinio 2003), templos que en su forma última devienen sumatoria de varios edificios superpuestos de diferente antigüedad. Asimismo, tales peces fueron representados en la Huaca Cortada del Complejo El Brujo (Franco et al, 2005), en Huaca Cotón (Bonavia, 1985: Lám. 5) y en una tumba mochica del Cerro La Mina (Narváez, 1994; Morales, 2003: Fig. 14.4a), ambos en el valle de Jequetepeque (MORA; RUNCIO, 2009. p. 56).

Conhecido como um peixe que nada contra a corrente e por seus hábitos noturnos, o peixe life vive em lugares escuros, sua cabeça com apêndices e seu corpo manchado o assemelham a uma serpente. Sua figura está retratada em diversos estilos; nos edifícios cerimoniais, por exemplo, no Pátio 2, onde foi localizada a Senhora de Cao, o life está nos murais onde o fardo funerário estava enterrado, além disso também foram encontradas figuras do life nos tecidos e narigueiras que acompanhavam o enxoval funerário e são figuras semelhantes a das tatuagens dos braços da múmia. A representação do peixe life na

iconografia mochica estaria ligada aos movimentos dos peixes e das águas. Foi encontrada uma variedade de desenhos estilizados do life em direções opostas (direita, esquerda, leste, oeste, norte, sul, horizontal e vertical, além de uma figura em círculo). Em cada representação se traduz um significado geralmente relacionado com crenças religiosas em que esses movimentos representariam a estruturação vertical e horizontal do mundo (MORA; RUNCIO, 2009). Na natureza, essa percepção estaria no curso das águas das chuvas que descem a cordilheira dos Andes até a sua desembocadura no mar; o movimento de leste para oeste, do nascer do sol ao poente, representaria a escuridão ou o mundo das trevas; em oposição, a contracorrente do fluxo das águas do mar em direção às montanhas representaria o ocaso; a escuridão seria a renovação da vida, a transcendência sobre a morte. Também são vistas figuras de peixes life em movimentos em sentido de cima para baixo, que conecta o inframundo com o mundo celeste, e estaria ligado à ideia do movimento do peixe quando ele sai das águas escuras e sobe à superfície. Já o movimento contrário (de baixo para cima), concorda com o eixo que conecta o mundo celeste com o inframundo. Reflete a descida das águas que vem das montanhas e também pode significar a direção do líquido ritual (chicha) ao ser vertido nos recipientes em honra aos ancestrais. (MORA; RUNCIO, 2009).



Figura 14 - Mural com representação do peixe Life - Mausoléu da Senhora de Cao no complexo de El Brujo
Fonte: Vendrame (2012)¹⁹

Segundo Mujica (2007, p. 210-211 *apud* Mora e Runcio, 2009. p. 80), foram encontrados nos locais perto das urnas funerárias, inclusive da Senhora de Cao, cântaros parcialmente enterrados, deixando o pescoço do bojo na superfície. Essa interface

¹⁹ Disponível em: <<https://viagemeturismo.abril.com.br/materias/a-espantosa-beleza-da-dama-de-cao-uma-reliquia-do-norte-do-peru/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

representada pelo piso do pátio, na análise de Mujica, equivale ao mundo terrestre conectado ao inframundo e o mundo celeste. A partir dessa constatação e dos estudos de Mora e Runcio, percebe-se que tanto o peixe life como a serpente que estão presentes nas vestimentas e nas tatuagens da Senhora de Cao, representam sua ligação com a natureza, ao mesmo tempo em que a figura do life seria a conexão com os ancestrais.

Tanto el life como la serpiente (en este caso, boa de costa) se desplazan, con su movimiento ondulatorio, generando una figura en “S”, un símbolo relacionado con el agua (de Bock, 2005: 95) que es recurrente en la iconografía mochica. Por su presencia simbólica en los tres mundos, la serpiente debió estar vinculada al life, porque ambos son elementos conectores de esos mundos, de manera que en los diseños aparentemente indiferenciados, ambos animales pudieron estar fusionados -de modo poco evidente al ojo del observador-, con la finalidad de expresar la misma idea. Los apéndices del life, son tan útiles como sensores como lo es la lengua bífida de la boa de costa, por lo cual esos atributos debieron ser tomados en cuenta por quienes hicieron de ambos animales símbolos que expresan la cualidad y el poder del ancestro para “ver” en la oscuridad (MORA; RUNCIO, 2009. P. 83).

Diante das análises, conclui-se que o peixe life e a serpente (com a qual este se confunde) representam seres conectores de mundos, e também ao elemento água e suas corredeiras que influenciam a sobrevivência e, nesse caso, o life faz o papel de conector através de seus movimentos ligando o céu e a terra. Já a aranha, que também está tatuada nos braços da Senhora de Cao, tem um significado muito particular. Sua forma e corpo inspiram interpretações que partem do princípio de que, quem às tinham, possuíam atributos sobrenaturais (DAVID, 2012), e eram provedoras da criação e da fertilidade. Seu corpo, ao mesmo tempo que gera vida, também produz a teia que captura e mata. A figura da aranha se encaixa nessa visão dual do mundo, característica que se evidencia na tradição andina.

David (2012) ressalta que essa representação da aranha como ser sobrenatural era um papel sempre de uma mulher, pois, só ela tem a capacidade de parir. Entre seus atributos também estão a tecelagem, a caça (personifica a imagem da astúcia e da sabedoria ancestral), além desses dotes também se torna uma voraz devoradora ao dominar suas presas com seu veneno mortal. Para Villavicencio (2017, p. 99), a aranha tem um simbolismo oracular, seria ela a tecedora que vai tramando o espiral no universo. Desta forma, os símbolos da tatuagem representariam poderes mágicos, regulando o ciclo da vida e das estações, transformando seu corpo na residência do sagrado. Todo esse conjunto de seres personificam a Señora de Cao como uma figura importante dentro da sua sociedade.

4. O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE MOCHICA

4.1 A MULHER MOCHICA

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos nos últimos anos no Peru, especialmente na região costeira, estão cada vez mais abrindo espaço para a compreensão do papel da mulher dentro da cultura das antigas civilizações que ali se estabeleceram. As novas descobertas somadas às modernas técnicas de pesquisas vêm colaborando para tentar preencher as falhas que excluem a colaboração feminina do contexto histórico. A cultura Mochica provavelmente foi transmitida de geração à geração, deixando um legado magnífico para a história, que tem sido, aos poucos, revelada ao mundo. Seja nas construções, na arte cerâmica ou nos mais enigmáticos artefatos que ficaram como registro desses povos. Dentro dessa temática, começam a surgir hipóteses, abordando as mais diversas áreas de estudos que reforçam a importância de localizar a mulher dentro da sociedade. Sobretudo de dar visibilidade à participação feminina. A descoberta da Senhora de Cao, de certa forma, vem questionando essa falta de protagonismo feminino nos relatos históricos.

Os achados de San José de Moro vêm corroborando, através da riqueza dos enterramentos femininos, que as mulheres também possuíam um alto *status* dentro do grupo ao qual pertenciam. Em seu artigo sobre as Senhoras de San José de Moro, Luis Jaime Castillo Butters aborda o fato de que, por muito tempo, ele e seus colegas arqueólogos alimentaram a ideia de que nas antigas sociedades pré-hispânicas só os varões eram detentores do poder. Segundo as antigas teorias, não havia uma figura considerada feminina nem na iconografia. Nem mesmo nos enterramentos se achavam tumbas ricas e complexas, com seus aparatos de poder e riqueza. Essa versão dos fatos só viria a mudar a percepção sobre a mulher a partir de 1991, quando as primeiras tumbas com mulheres começaram a ser reveladas (BUTTERS, 2007).

Desde então, segundo Castillo Butters, a imagem da mulher no mundo mochica, ao menos no Vale de Jequetepeque, tem mostrado que elas foram tão importantes quanto seus pares masculinos. A valorização desse e de outros achados colabora com a interpretação de algumas fontes iconográficas que possivelmente se referem a seres de gêneros diferenciados, tendo em vista que, em muitas cenas, a definição de sexo é complexa e, por sujeição, a figura feminina é tradicionalmente abstraída das deduções de análise.

Além dos registros destas importantes fontes de conhecimento sobre a sociedade Mochica, também há o surgimento de uma literatura sobre a mulher que vem sendo escrita

por mulheres. Maritza Villavicencio (2017) se dedica a pesquisar a atuação feminina na época do Peru antigo. A autora faz uma crítica à ideia de que as mulheres foram apenas “sacerdotisas ou meras coadjuvantes da história”. As recentes descobertas como as já citadas Senhora de Cao e as das sacerdotisas de San José de Moro, são exemplos de mulheres que vem revolucionando antigos conceitos. Rotulações que ainda condicionam a mulher a ser invisível dentro da sociedade. Vejamos o que assinala a autora sobre as novas descobertas:

Los artefactos y ornamentos que conforman el contexto funerario de las sacerdotisas de San José de Moro las identifican con los personajes femeninos sobrenaturales del repertorio iconográfico mochica, que dan cuenta de su alto rango social. Estos testimonios materiales se pueden reconocer en las escenas representadas en la alfarería, murales y orfebrería, donde estas mujeres míticas cumplen un papel protagónico. Aparecen en el ritual del transporte marítimo navegando sobre grandes balsas de totora, sea trasladando prisioneros humanos que serían sacrificados en las islas cercanas del entierro de un personaje principal o de un ser divino; en la ceremonia del sacrificio de prisioneros caídos en combate ritual; o en la Presentación de la Copa, siendo una mujer quien la porta con la sangre de los sacrificados; y en la Rebelión de los Objetos, donde una mujer comanda la revuelta de implementos y artefactos antropomorfizados contra los humanos (VILLAVICENCIO, 2017, p. 94).

E complementa com outros registros da participação feminina:

También están representadas en las prolíficas esculturas femeninas, que entre otras características sujetan en la mano la copa ceremonial, llevan un tocado de penachos, etc.; es decir, tienen los símbolos de las mujeres halladas en el cementerio de San José de Moro, así como de las representadas en las escenas de la alfarería figurativa (idem).

De fato, muitas atividades que eram essenciais desde a produção de alimentos, têxteis, caça etc., também necessitavam de ferramentas que foram importantes para o aumento da produção alimentar e de vestimentas. Contudo, essas ferramentas só são relacionadas aos homens. Para a autora é fundamental estabelecer que as mulheres também fabricavam peças líticas, participavam nas caçadas, além das atividades sobrenaturais (rituais, curandeirismos, etc.). Igualmente, eram responsáveis pelas atividades de plantio, cozimentos e organização dos banquetes e festas cerimoniais. Incluindo até os mais altos cargos de liderança, fato que se confirma com a descoberta da Senhora de Cao, símbolo de poder (e de grande governante) da sua época.

Villavicencio (2017) assinala também que a mulher, dentro da cosmovisão religiosa que cerca o mundo dos Mochicas, começa a ser decifrada nas cenas que aparecem em algumas figuras divinas ou divinizada do panteão mochica. Esse conjunto de atividades

estaria associado ao que a autora chama de memória do feminino ancestral, assim composta em três grandes áreas temáticas: religião, alimentação e mulher. Dessa forma, homens e mulheres foram proporcionalmente importantes para a sociedade e sua formação cultural.

As evidências obtidas nas diversas regiões geralmente se referem a atividades que envolvam rituais, mas infelizmente são raros os registros da vida da população comum. Muito do que se deduz provém dos enterramentos onde são encontrados restos mortais em contextos mais simples. Sendo que nas tumbas foram encontrados objetos de metalurgia, de tecelagem, ou, em alguns casos, foram encontrados junto às tumbas recipientes que usavam para macerar a chicha (CASTILLO; RENGIFO, 2008). Embora as mais diversas cenas encontradas até então, em sua maioria, sejam relacionadas a rituais de sacrifícios, decapitações, homenagens a deuses, seres antropomorfos, entre outras cenas que se repetem ao longo dos murais e objetos, são testemunhos das funções de uma classe de homens e mulheres responsáveis pela manutenção dos templos onde se desenvolviam os grandes rituais de adoração aos deuses.

É certo que somente os objetos ou as imagens por si só não podem dar vida e à identidade dos indivíduos que viveram em épocas tão distantes, e em contextos ainda pouco conhecidos. Na verdade, tentar desvendar como viviam e no que acreditavam as mulheres e os homens que tinham a natureza e os cosmos como sua fonte de conhecimento e de sobrevivência, exige uma imersão num mundo que tem sido desvendado pelas imagens que ficaram registradas pelas mãos de seus hábeis artesãos.

4.2 RELAÇÃO DO FEMININO MOCHICA E A NATUREZA

A compreensão dos elementos da natureza também era parte integrante das funções das mulheres, tanto quanto seus opostos masculinos eram peças importantes nas funções que dependiam da percepção, por exemplo, das estações do ano, da época do plantio. Era fundamental para esses indivíduos ter conhecimento dos fenômenos climáticos regulando os ciclos sazonais das chuvas que influenciariam nas lavouras, o controle das águas que era parte essencial para os canais de irrigação que abasteciam o povoado, e até nas práticas de curandeirismos e todo tipo de previsões que eram exercidas por essas pessoas. No que se pode perceber, os Mochicas tinham um elevado conhecimento do lugar onde ocupavam e também nas áreas adjacentes até a região amazônica. Mas, apesar de todo conhecimento que aparentavam ter sobre a natureza e de como dispunham dela para a sua vida particular e expressas na arte mural, isto é, as imagens, estas não eram realistas a ponto de ser comparadas a uma fotografia. Não seria conveniente tentar traduzir as cenas que ficaram dos registros dos

mochicas tal qual viviam diariamente. Talvez, em parte haja uma certa semelhança inclusive com os povos indígenas que ainda preservam alguns costumes que se assemelham aos seus ancestrais. No entanto, não deveríamos esquecer também que essas são imagens que não nos pertencem, os contextos em que elas foram criadas devem ser cuidadosamente analisados, pois podem ser imagens de fatos ou de certa região, de forma que nunca saberemos ao certo o sentimento ou os motivos que levaram seus criadores a gravá-las. As imagens expostas estão em contextos que seguem lógicas de exposição e categorização que não podem ser vistas do nosso contexto (JÜRGEN, 2008).

Nas análises mais atualizadas, são encontradas também uma variedade de formas de representações, em que os elementos da natureza eram articulados com a figura humana formando seres antropomorfos. As cenas vão desde animais com aparência humana a objetos que ganham vida, interagindo de forma sobrenatural com os humanos. Dentro desse contexto de interação entre humanos e a natureza o mar foi outro componente que se integrava na vida dos mochicas e, pela proximidade, tornou-se fundamental para a pesca. Dele eram retirados peixes e caramujos, e outros animais marinhos, espécies que serviam de alimento e também de admiração. Outro produto que era igualmente importante, o guano, foi muito utilizado como fertilizante nas lavouras, assim como a irrigação era parte fundamental para a sobrevivência da sociedade.

Em alguns murais aparece uma personagem feminina conhecida como a Sacerdotisa. Na representação, ela entra em contato com o mundo espiritual no ritual da pesca, nos artefatos que compõem a cena pode se notar o cinturão de serpente bicéfalo (símbolo de poder) e também o encontro da Sacerdotisa com o deus das águas. A sacerdotisa também conduz os prisioneiros num barco de totora (cabalitos de totora) até o encontro com o outro mundo; este é o momento em que ela assume seu poder de comunicação mediando o contato entre o mundo dos vivos com o mundo dos mortos. Os vestígios desse encontro podem ser localizados nos objetos encontrados nas oferendas depositadas perto das sepulturas com desenhos de peixes life, caranguejos, entre outros símbolos aquáticos. Os caranguejos e as aranhas também aparecem em cenas relacionadas com o deus Ai-Apaec²⁰ que, junto com a

²⁰ *Ai-Apaec* era a principal divindade da cultura Moche, no Peru, e era um de seus deuses mais venerados e temidos, também. Ele era adorado como o deus criador, o protetor dos moches, o que dava a água, os alimentos e que possibilitava os triunfos militares. A representação mais comum e conhecida de Ai Apaec é aquela que é vista nas paredes da Huaca de la Luna, em Trujillo – na costa norte do país – e que apresenta um rosto felino antropomórfico com presas e ondas marinhas que o rodeiam. Ai-Apaec foi representado de diversas maneiras, variando no tempo, no espaço, e conforme a peça em que ele é representado. Na metalurgia, por exemplo, o deus tem forma de aranha com oito pernas e um rosto antropomórfico com presas de jaguar (a nossa onça-pintada). Na cerâmica ele é mais antropomórfico, com duas cobras que brotam de sua cabeça. Esse recurso também é visto

representação da serpente, ilustram as paredes dos sítios (Huacas de La Luna e Huaca El Brujo) (ESCUADERO, 2015. p. 21-22). Os desenhos de peixes, aranhas e serpentes que também foram identificados nas tatuagens da Senhora de Cao, dentre os quais as serpentes se destacam na indumentária encontrada no enxoval funerário, tanto nas tatuagens quanto no cinturão bicéfalo conhecido como Amaru²¹. Esse ser é relacionado com a água e a busca dos humanos em prever o tempo, pois das chuvas provinha a fonte das águas que garantiam a vida dos homens, animais e plantas. Segundo Alicia Alvarado Escudero, os objetos que foram encontrados junto à Senhora de Cao, entre os quais o cinturão com a serpente e o Amaru, são indícios que comprovam que esta mulher acumulava as funções de sacerdotisa, curandeira e xamanismo.

Maria Lluïsa Sánchez David, em sua análise sobre rols xamânicos na sociedade Mochica, fala da importância de percebermos a influência que a natureza tinha para os povos que viviam em meio a natureza. Numa época em que o conhecimento dependia principalmente da observação do clima, das águas e do conhecimento das plantas, a topografia e o clima foram essenciais para o que a autora chama de “sensibilidade e organização do pensamento em categorias”. Seria então a maneira de ver, viver e sentir o mundo dentro de um contexto onde a “climatologia” foi fundamental para o desenvolvimento e a sobrevivência desses povos. Nesse caso, David aborda a sensibilidade que é adquirida nas percepções que vão sendo capitadas junto com as influências externas que, nesse ponto, seriam relacionadas ao desenvolvimento das práticas rituais, dependentes dessa interação entre homem e natureza (DAVID, 2012).

4.3 O PROTAGONISMO FEMININO

A participação feminina dentro das sociedades andinas tem revelado que a mulher desempenhou um papel tão importante quanto o papel dos homens dentro da sociedade no contexto histórico mochica e foi protagonista em áreas da vida social, política e religiosa. Alguns argumentos defendem uma ideia de que o Estado Mochica foi fundamentado a partir de uma ideologia ritual, mantendo vivo esse mesmo Estado através da personificação de

em alguns murais. Nas esculturas, Ai-Apaec pode ser observado numa forma totalmente humanoide, com uma expressão grave no rosto e as presas de felino de sempre. Disponível em: <<https://otrecocerto.com/2014/12/17/ai-apaec/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

²¹ O Amaru é um mito ancestral peruano, com diferentes versões, em algumas das quais o ser divino recebe o nome de Panki. Trata-se de uma divindade relacionada com as profundezas, a água e a fertilidade. Disponível em: <<https://www.xapuri.info/mitos-e-lendas/amaru-divindade-peruana-ancestral/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

divindades, heróis e seres sobrenaturais. Dentro dessa visão, tanto homens quanto mulheres tinham funções essenciais para a organização social e política da sociedade, sendo que algumas atividades estavam reservadas somente para indivíduos privilegiados dentro da organização estatal (CASTILLO; RENGIFO, 2008).

Dentro das análises possíveis há uma percepção de que a atuação feminina foi resultado de uma sucessiva reformulação que foi ocorrendo na sociedade mochica. Fato que tem demonstrado que o poder não necessariamente estava atrelado com a força física, mas a questões culturais. Nesse quesito, as mulheres não dependeram da intervenção masculina para atuarem como possuidoras de grandes responsabilidades. A noção de poder poderia estar ligada a variantes que podem ser da derivação parental, em que é associado a um parentesco que tenha um cargo de destaque, o que lhe atribuiria um *status* por comparação. Também pode ser que o poder venha a ser adquirido por meio do tipo de função que uma mulher ocupou durante toda a sua vida. Nesse caso, são comuns os enterramentos com artefatos que indiquem que aquela pessoa desempenhou tal atividade. Ela será lembrada então por sua função, tal é o caso das sacerdotisas assim reconhecidas “as Sacerdotisas de Moro”. Segundo Castillo (2006), seria uma apropriação por função. Com as sacerdotisas descobertas no Vale de Jequeteque, foram encontrados objetos de suas vidas religiosas e também militar, seus pertences comprovam que elas também estavam envolvidas em funções dentro da organização estatal. Para Castillo, essas atribuições eram adquiridas pelas mulheres como parte de suas tarefas, portanto eram obrigatórias.

Por diferentes meios de atuação, no caso feminino, há alguns pontos conflitantes quanto ao tipo de poder e ao que significava a noção de poder para essas sociedades. Nas cenas pictográficas, as imagens muitas vezes podem conduzir a diferentes entendimentos. Por exemplo, na figura da mulher conhecida como personagem D, que recebe a taça de sacrifícios, atualmente algumas teorias começam a admitir que a figura se assemelha a de uma mulher, no caso pelas indumentárias, e o posicionamento dentro do contexto lhe conferem um *status* de governante. Castillo lembra que algumas mudanças na questão de poder feminino são mais significativas se considerarmos que no caso mochica a sociedade estava organizada em cacicados; nesse modelo, os clãs ou sistemas de linhagem são definidos por associações de “consanguinidade e proximidade com o governante”. O poder é herdado e, embora a ideia natural seja a de que somente aos varões era permitido chegar ao posto de governante, não há indícios de que algumas mulheres não tenham assumido funções de maior envergadura. Por sua vez, algumas hipóteses levantadas conduzem ao entendimento de que, no caso mochica, algumas mulheres ou grupos de mulheres identificadas como sacerdotisas deixam pistas de

que na sociedade mochica houve uma incorporação de uma linhagem de mulheres dentro do quadro da elite governante. Mudança que pode ter transformado a atuação feminina nas decisões da sociedade.

4.4 A MULHER E A POLÍTICA

Ao longo dessa pesquisa vem sendo traçada a trajetória da Senhora de Cao e seu papel enquanto mulher e liderança política e religiosa. Atualmente, o conhecimento sobre a cultura mochica tem possibilitado a identificação de uma organização social onde a mulher teve um papel protagonista também na política. A sociedade mochica estava dividida entre a elite, o povo e os pobres. Oficialmente, a linhagem real compreendia homens, mulheres e crianças e, nessa escala, também se destacavam sacerdotes e sacerdotisas. Dentro da situação política que organizava o Estado, a atuação da Senhora de Cao e suas indumentárias trazem indícios de que ela desempenhava funções práticas relacionadas a condução do Estado. Ou seja, a hipótese mais provável de sua efetiva atuação vem da comparação com o Senhor de Sipán, (descoberto em 1987, em Huaca Rajada); a semelhança entre suas insígnias de poder leva a essa dedução. Isso conduz a um entendimento mais abrangente quando se verifica que em cada Vale havia uma classe política e que a Señora de Cao se enquadra numa classe de especialistas que se diferenciavam dentro da sociedade mochica, um grupo especial e atuante, que fazia parte da elite guerreira-religiosa formada por indivíduos dedicados diretamente às funções dos templos (JORDÁN, 2015. p. 10).

Por sua vez, tanto na elite quanto entre o povo, a figura feminina estava presente nas diferentes áreas de ocupação. Alicia Escudero (2015) chama de concentração de funções em uma mesma figura feminina. A sacerdotisa, parteira, curandeira e a guerreira e seus artefatos estão nas imagens e nos restos arqueológicos que possibilitam organizar o conhecimento da atuação feminina.

4.5 A SEÑORA DE CAO E A ARQUEOLOGIA DE GÊNERO

A visibilidade ou a invisibilidade da mulher na história faz parte de uma série de estudos da arqueologia de gênero. A questão levantada questiona o papel que a mulher desempenhou na história, ou seja, há uma tentativa de reformular antigas teorias estáticas. Sempre que uma nova cultura é descoberta, as primeiras análises vão à procura do representante masculino e de seus grandes feitos. Isso se deve em razão de uma visão

androcêntrica ocidental que ofuscou a participação de outros gêneros no processo de formação histórica.

Esse modo de fazer arqueologia está centrado no reconhecimento da participação feminina nas diversas esferas do cotidiano desempenhando funções, posições e atributos em sociedades extintas, evitando preconceitos do passado (BUTTERS; HOLMQUIST, 2008). As novas perspectivas têm revelado dados interessantes que antes eram ignorados. Nos estudos com restos de alimentos em utensílios domésticos, surgiram informações importantes sobre a organização dos sítios domésticos. Em muitos deles, essa composição poderia ser tarefa de diferentes gêneros, sendo também função da mulher a produção de artefatos, tal qual sua função de preparar alimentos. De todo modo, um outro ponto que Luis Jaime Castillo Butters e Ulla Sarela Holmquist abordam é que quando a análise dos pesquisadores entra no âmbito da formação dos estados ou da estruturação política das antigas sociedades há um “silêncio” ainda maior sobre a participação da mulher em qualquer grau de atuação.

Do ponto de vista de Renata Verdun da Silva Carmo e Denise Maria Cavalcante Gomes, a sociedade mochica apresenta diferenças no acesso ao poder entre os indivíduos e suas classes sociais, não se resumindo apenas ao gênero, mas a uma pluralidade de formas que, dentro de sociedades complexas como a mochica, se expressam em diferentes seres mas são construídos em categorias que, segundo as autoras, dependem de alguns fatores: classe, sexo, tipos humanos, acesso a bens de valor econômico e simbólico. As autoras tecem suas considerações sobre as várias formas e seres existentes na iconografia dos mochicas onde humanos e não humanos apresentam formas antropomorfas ou antropozoomorfas (CARMO; GOMES, 2017). Animais e seres esqueléticos, além de objetos que ganham vida, chegando até a intervir contra os seres humanos. Essa fluidez de categorias de gêneros abre a possibilidade de outras formações que não se limitam ao sexo binário. A sociedade Moche, nesse sentido, apresenta uma diversidade de seres que interagem e se transmutam conforme as especificações de cada região.

A historiografia registra que as origens das discussões sobre gênero começaram ainda nos anos de 1960, quando os movimentos feministas ensaiavam os primeiros passos contra conceitos e metodologias empregados nos estudos relacionados à mulher e sua participação na sociedade. A partir de então, a questão de gênero começou a ganhar espaço nos debates sobre a necessidade de incluir temas para além das causas políticas e sociais, incluindo outras categorias como feminismo, diversidade sexual e a visibilidade de indivíduos que não se enquadravam no sexo biológico. As novas concepções ampliaram o sentido do termo que passou a ser entendido como práticas sociais, que seriam o conjunto de sensações, fases de

crescimento, mudanças corporais, modo de vestir, de se sentir e também pela reação que ocorre com o corpo que vai se moldando conforme o lugar, a cultura, os costumes, etc.²². Vejamos a definição que Ann Oakley, citada por Margarita Díaz-Andreu, faz sobre sexo e gênero (2005, p.15):

Sexo es un término biológico: género es psicológico y cultural. El sentido común sugere que son meramente dos formas de ver la misma división y que alguien que pertenece a, por ejemplo, el sexo femenino automáticamente pertenecerá al correspondiente género (femenino). Em realidade esto no siempre es así. Ser um hombre o una mujer, um niño o uma niña, está tanto em función del vestido, del gesto, ocupación, red de relaciones sociales y personalidad, como del hecho de poseer unos determinados genitales. [...] Es verdad que cada sociedad emplea el sexo biológico como um critério para la adscripción del género, pero más allá de este simple punto de partida, no hay dos culturas que concuerden completamente sobre lo que distingue um género del outro. No hace falta decir que cada sociedad cree que sus propias definiciones de género corresponden a la dualidade de sexo biológico (OAKLEY, s.d, p. 158, *apud* ANDREU, 2005, p. 43).

Os cuidados nas interpretações sobre gênero se justificam, pois existe uma variação de como o gênero é representado em diferentes sociedades. Questão bastante vista nos estudos sobre as mulheres que estão registradas na iconografia de antigas civilizações. Em algumas cenas, a identidade visual do indivíduo não é refletida pelas características do sexo biológico e, muitas vezes, se confundem entre formas que podem causar uma confusão visual ocasionando erros de interpretação.

4.5.1 A Representação feminina na cultura mochica

A representação feminina na sociedade mochica apresenta aspectos peculiares quanto à sua forma. A partir do contexto cerimonial, há uma variedade de funções desempenhadas por mulheres. Pode se distinguir três estilos de representação feminina na cultura mochica: mulheres naturais, mulheres com traços sobrenaturais e mulheres esqueléticas (HOLMQUIST, 1992). As mulheres naturais geralmente aparecem com roupas largas, uma cinta amarrada na cintura e os cabelos divididos em tranças. Estas costumam aparecer nas cenas de sacrifícios, atividades rituais e outras cenas que envolvam trabalhos domésticos e, pelas características, essas mulheres seriam da classe popular. As mulheres com traços sobrenaturais costumam aparecer com o rosto pintado com uma só cor, cocares elaborados e

²² Ver Arqueologia e Pré-História. Brena Barros. Disponível em:< <https://arqueologiaeprehistoria.com/>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

orelheiras. Diferenciam-se das anteriores, pois geralmente apresentam formas zoomorfas com grandes presas iguais à de felinos, característica dos deuses da classe mais elevada dos mochicas. Apresentam também tocados elaborados, cinturões adornados com cabeça de serpente e outros enfeites. As mulheres com traços sobrenaturais aparecem em quatro cenas principais da iconografia mochica (BUTTERS; HOLMQUIST, 2000): nas cenas de transporte marinho sobre balsas de totora (Figura 17), nas cenas de rebelião dos objetos, nas cenas do enterro e nas cenas de sacrifício (Figura 16).

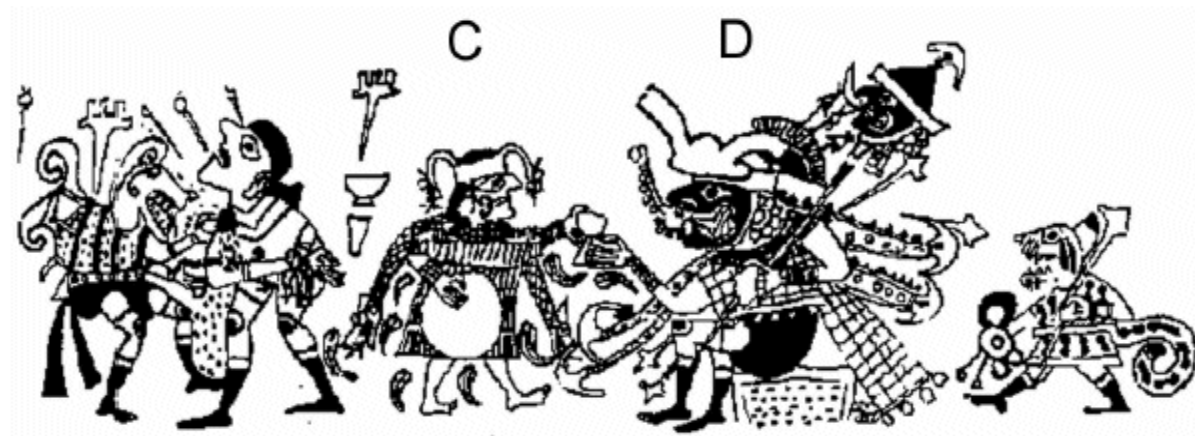


Figura 15 - Representación pictórica Moche de la "ceremonia del sacrificio". La Sacerdotisa (Figura "C") presenta un cáliz a la Figura "D"; al lado izquierdo, un prisionero es degollado
Fonte: Museu Nacional de Antropologia e História (2003)

Na cena de apresentação da taça, vemos a presença feminina como sacerdotisas. Nesta cena de sacrifício de prisioneiros de guerra, homens e mulheres representam deidades, ocupando o espaço central e conduzindo os sacrifícios humanos (DONNAN; CASTILLO, 1994). Já na cena de transporte marítimo está representada uma viagem ritual em que uma série de seres sobrenaturais transportam prisioneiros para a oferenda aos deuses entre a costa e as ilhas costeiras, e vice-versa (HOCQUENGHEM, 1989). Nelas as mulheres aparecem sobre grandes barcos de totora e apresentam traços sobrenaturais. A segunda maior passagem em que aparecem mulheres também com traços sobrenaturais é na rebelião dos objetos, está dentro de um cenário em que os objetos criam vida assumindo atitudes de uma revolta. Entre os objetos estão agulhas, tecidos, etc., que capturam prisioneiros e levam para uma mulher sobrenatural. A última cena em que mais aparecem mulheres são representações em enterros, num complexo ritual onde as mulheres sobrenaturais acompanham os mortos.

Essas representações da figura feminina em diferentes formas seriam uma espécie de quadro evolutivo das mulheres mochicas. Com o passar do tempo vai aumentando sua importância e hierarquia, ou ainda, pelas análises que vem sendo levantadas, tudo leva a crer que não houve uma mudança no quadro de funções desempenhadas por mulheres, mas sim de uma valorização ou alguma iniciativa de reconhecimento da atuação feminina e, conseqüentemente, o acesso a cargos mais elevados.

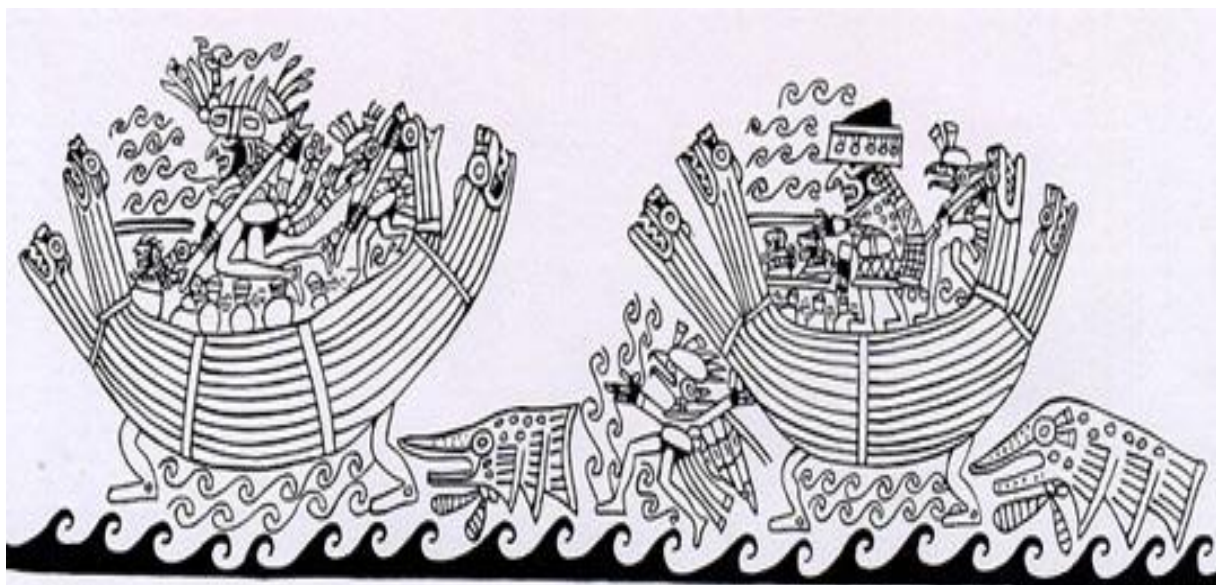


Figura 16 - Condução dos prisioneiros para o sacrifício em barcos de totora
Fonte: Donnan, Makey (1978)²³

4.6 O REGRESSO DA SEÑORA DE CAO E AS DAMAS DE CAO

A euforia causada no mundo da arqueologia com a revelação da Señora de Cao vem repercutindo desde que o arqueólogo Régulo Franco revelou ao mundo não apenas uma mulher, mas uma mulher que trazia consigo as insígnias de uma chefe de Estado, uma governante que tinha em suas mãos o poder de tomar decisões. E o atestado para essa afirmação estaria no detalhamento encontrado em cada objeto e tecido que completava o seu contexto funerário. Essa imagem inicialmente causou espanto, seguido de dúvida se aquela mulher teria alcançado realmente uma posição tão alta na esfera de poder. Posteriormente, a imagem da Señora de Cao passou por um processo de reconhecimento, por meio de uma classe de estudiosos e pesquisadores que há muito tempo esperavam por uma descoberta desse quilate.

Por outro lado, há também, por parte principalmente dos meios acadêmicos peruanos e

²³ Disponível em: < <http://rla.unc.edu/Teaching/mocheicon/pages/seafaring.html>>. Acesso em: 15 out. 2018.

de alguns pesquisadores, uma ressalva quanto a uma corrida ao tesouro que esse tipo de descoberta pode ocasionar. Na observação de Raúl Asensio, nesse ponto, a arqueologia serve para toda uma sorte de discursos ‘neomochica’, que chega a assumir posições radicais de um renascer mochica a cada nova descoberta (ASENSIO, 2017). Essa busca às vezes desenfreada de uma identidade pode vir acompanhada de interpretações errôneas; esse é o cuidado que as entidades acadêmicas procuram alertar sobre visões distorcidas e descontextualizadas. Asensio cita como exemplo a proporção que tomou a descoberta da Señora de Cao para a localidade de Magdalena de Cao. O envolvimento da sociedade ultrapassou o limite das paredes do museu onde o corpo da representante mochica se encontra. A sua presença fez surgir todo um aparato de investimentos em artesanatos, restaurantes, linhas de turismo, incluindo encenações com a presença de autoridades locais. A dimensão da importância que esse achado trouxe em investimentos parece não comportar as opiniões de que aquela mulher talvez tenha sido apenas uma mulher enterrada com símbolos rituais.

Conhecer a história da Señora de Cao pode significar ir muito além da simples descoberta de uma importante representante do passado. Na análise prática, há uma série de fatores que envolvem essas atividades. São pessoas e valores que estão diretamente envolvidos com o trabalho de preservar a história e também investir em ações sociais. Esse é o caso das localidades onde algumas descobertas, como a do Señor de Sipán, da Señora de Cao ou das Sacerdotisas de São José de Moro, entre muitas outras que têm gerado investimentos para as localidades de onde estão sendo encontrados. Uma dessas transformações começa a ser vista com o povoado de Magdalena de Cao Viejo, uma pequena localidade rural que entrou para o mapa do turismo quase que instantaneamente após os investimentos arqueológicos na região.

Magdalena de Cao se tornou um modelo do que o turismo arqueológico pode proporcionar injetando capital e gerando desenvolvimento para o país. Até 1990, ainda eram poucos os sítios localizados na costa norte que recebiam a atenção das autoridades ou da iniciativa privada, e os poucos investimentos que existiam nem sempre eram acessíveis para a maioria da população. Outro problema que se constatava era a falta de uma política de investimento em empregos e a melhoria de vida da população, principalmente para as que vivem nas comunidades mais carentes. Por outro lado, com o aumento de investimentos a partir de iniciativas que contam com a participação de instituições privadas, surgem modelos de investimento tais como a Rota Moche, um plano de ação articulado com entidades público-privadas que, a partir de 1998, começou a desenvolver um fortalecimento de ações socioeconômicas despertando também um sentimento de valorização da identidade desses

povos (JORDÁN, 2017). Inicialmente foi projetada para a região de Lambayeque, contudo seu alcance se estendeu e atualmente tem proporcionado a criação de empregos para a comunidade e arredores.

Segundo os conceitos teóricos sobre gestão do patrimônio cultural, identidade e turismo, “uma das categorias que define o desenvolvimento socioeconômico comunitário é a ausência de políticas de Estado para melhorar a qualidade de vida e promover o desenvolvimento sustentável da comunidade” (JORDÁN, 2017, p. 101). Dentro desse conceito, há uma exigência de que as ações tomadas pelos patrocinadores privados assumam a responsabilidade de investir na contratação de pessoas da comunidade, proporcionando segurança e crescimento em investimentos. Em 2003, a UNESCO preparou um documento no qual aborda a importância com o cuidado em preservar não só o patrimônio, mas também o seu entorno, e nele está incluído um conjunto de medidas de proteção que abrangem desde os investimentos em educação, qualidade de vida até toda uma gama de medidas que visem a preservar o patrimônio e também das pessoas que vivem ao seu redor.

Iniciativas tais como a da Fundação Augusto Wiese no Complexo Arqueológico El Brujo, que desde 1990 mantém investimentos na região, estão voltadas para uma gestão social com investimentos em quatro áreas que compreendem a arqueologia, a conservação e uso social, a sustentabilidade, a geração de conhecimento e o desenvolvimento comunitário. Essas diretrizes que a Fundação Wiese relaciona fazem parte de procedimentos que a empresa assumiu apontando seu compromisso com a comunidade. Suas ações incluem atualmente o Projeto Turismo Arqueológico Rota do Moche, além de manter recursos e um quadro de empregos. Também busca parcerias com ONGs para dar continuidade ao crescimento da região. Paralelamente a esses investimentos, a localidade de Magdalena de Cao tem visto sua pequena comunidade ganhar prestígio e reconhecimento internacional; o crescimento na região gerou uma série de empregos direta e indiretamente. O comércio aumentou suas vendas e, após a construção do Museu de Cao, o turismo tem crescido a cada ano.

Em função de um fenômeno que ganhou vida e hoje em dia movimenta toda uma cadeia de serviços que movimentam a economia da região, a partir do turismo que cresce em torno da arqueologia cultural, toda a comunidade, seja direta ou indiretamente começa a desenvolver serviços que atendam aos turistas que chegam na região em busca dos atrativos que lhes são vendidos muito antes da chegada (via revistas de turismo, sites, agência, etc.). Um fato muito interessante que tem chamado a atenção é a inclusão de ações que desenvolvam o crescimento por meio da geração de renda aproveitando os recursos locais. Este é o caso dos grupos de artesãos que aproveitam a matéria prima da região criando fonte

de renda e valorizando o produto local. São encontrados desde artesanatos com motivos relacionados à Señora de Cao (nesse caso), além de cafés, restaurantes, bares, hotéis e toda uma rede de oportunidades que surge com a rota turística.

Jordán traz um fato curioso relacionado a esse turismo e como ele acaba criando personalidade própria. Um grupo de senhoras que trabalharam nos sítios da região ganharam uma homenagem com a colocação de quadros do lado de fora das escolas do bairro. Seria um reconhecimento pelos anos de serviço dessas anciãs que estão sendo chamadas de “As Novas Damas de Cao” (JORDÁN, 2017, p. 131). São ações que, em conjunto com os trabalhos arqueológicos, buscam preservar a memória e a cultura das civilizações antigas.



Figura 17 - Rota Moche. Rua com fotos de donas de casa, tecedoras, pescadoras, artesãs, floricultoras e produtoras de chicha. “Las Damas de Magdalena de Cao”

Fonte: Corcuera (2016)



Figura 18 – “As Novas Señoras de Cao” – Homenagem às mulheres que também trabalham nos sítios arqueológicos entre eles o sítio de Cao Viejo onde foi encontrada a Señora de Cao
Fonte: Asensio (2017)²⁴

²⁴ Disponível em: < <http://revistaargumentos.iep.org.pe/articulos/la-dama-cao-cronica-regreso/>>. Acesso em: 02 nov. 2018.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das análises feitas aqui temos percebido que o papel da mulher dentro da sociedade mochica e sua importância estão atreladas ao modo de ver o mundo dentro dessa civilização. A dualidade mochica se expressa na forma como eles representavam suas crenças e o seu modo de vida. Em cada vale, vemos a presença dessa dualidade na arquitetura. Por exemplo, sempre construíam duas pirâmides: Huaca del Sol, para os assuntos militares, e Huaca de la Luna, para os assuntos religiosos, da mesma forma as pirâmides do Complexo El Brujo: com a Huaca Cortada e Huaca de Cao, respectivamente com as mesmas funções, ou mesmo nos movimentos representados pelas ondas do mar e dos peixes, ligando o mundo de cima com o de baixo. Um povo fortemente religioso que, por meio de suas crenças e inovações tecnológicas, deixaram rastros de sua existência com suas refinadas artes expressas na cerâmica, nas pirâmides e nos templos, além de modelos de canais de irrigação que são utilizados até os tempos atuais. Essa intrigante cultura que cultuava deuses antropomorfos e sacrifícios humanos também mostrou ao mundo uma forma até então inimaginável de divisão do poder (pelo menos nas antigas civilizações andinas) entre homens e mulheres, no túmulo do Señor de Sipán na Huaca Cortada e no túmulo da Señora de Cao na Huaca Cao Viejo.

Enfim, este trabalho procurou mostrar o papel da mulher dentro da antiga civilização mochica, mas é apenas o primeiro exemplo de uma mulher poderosa descoberta no Peru, muitas outras estão sendo descobertas com suas particularidades e contextos que também começam a sair de um passado cheio de perguntas. Por sua vez, percebemos o impacto que tais descobertas podem gerar em sociedades, como o exemplo de Magdalena de Cao e tantas outras, onde a arqueologia de gênero tem colaborado para reconstruir histórias do passado. De tal forma, os investimentos também trazem benefícios para as comunidades que se apropriam dessas descobertas, dando vida a projetos que levam melhorias para a população. O chamado movimento neomochica tende a dar visibilidade a essas novas Senhoras de Cao.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREU, Margarita Díaz. **Género y Arqueología: Una Nueva Síntesis.** (ed.) Primera Vista: Arqueología y género: Ed. Universidad de Granada, p. 13-51, 2005.

ASENSIO, Raúl H. La Dama de Cao. Crónica de un regreso. **Revista Argumentos**, Ed. n° 2, Instituto de Estudios Peruanos, 2017. Disponível:
< <http://revistaargumentos.iep.org.pe/articulos/la-dama-cao-cronica-regreso>>. Acesso em: 30 out. 2018.

BAWDEN, Garth. L. The symbols of Late Moche social transformation *In: TSUKAYAMA, Hugo C. Comparación de los procesos de colapso de las sociedades Mochica y Maya.* Pery: **Revista Arkeos**, v. 1, n. 2, 2006.

_____. The structural paradox: Moche culture as political ideology. *Latin American Antiquity*, **6 (2): 255-73**, 1995. *In: RINTEL, Marco Rosas. Nuevas perspectivas acerca del colapso Moche en el bajo Jequetepeque.* Ed. Instituto Frances. 2007.

_____. 1996 – *The Moche*, 375 p.; Cambridge: Blackwell Publishers Inc. *In: RINTEL, Marco Rosas. Nuevas perspectivas acerca del colapso Moche en el bajo Jequetepeque.* Ed. Instituto Frances. 2007.

BORRERO, Juan Martínez. Espíritus, Mitos y Rituales. **Uma aproximación comparativa a la estética y el significado de lo religioso en América, de lo Precolombiano a lo popular contemporáneo.** Universidad de Cuenca, 2000.

BUTTERS, Luis Jaime Castillo. **Las Señoras de San José de Moro: rituales funerarios de mujeres de elite en la costa norte del Perú.** 2005.

_____.; HOLMQUIST, Ulla Sarela. **Mujeres y poder en la sociedad Mochica tardía.** Ed. São Paulo, 2008.

PROGRAMA ARQUEOLÓGICO SAN JOSÉ DE MORO. **Divina y humana, La mujer en los antiguos Perú y México**, 18-29. Lima: Ministerio de Educación, 2005.

CARMO, R. V. da Silva; GOMES, D. M. Cavalcante. Identidade e sexo: A construção do gênero através do corpo na iconografia Moche. Especial: Crítica feminista e arqueologia. Rio de Janeiro: **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 2, p. 87-105, 2017.

CASTILLO B., L. J; DONNAN, C. B. **Los Mochica del Norte y los Mochica del Sur.** (ed.). Vicús (Colección Arte y Tesoros del Perú). Lima, 1994.

_____.; HOLMQUIST, Ulla S. **Mujeres y poder en la sociedad mochica tardía.** *In: HENRÍQUEZ, Narda (ed.). El hechizo de las imágenes: estatus social, género y etnicidad en la historia peruana.* Lima: Fondo Editorial Pontificia Universidad Católica del Perú, 2000.

_____.; UCEDA, Santiago. **Los Mochicas de la Costa Norte del Perú.** In press, 2007.

_____. **Los Mochicas de la Costa Norte del Perú**. Lima: Handbook of South American Archaeology, 2007.

_____.; RENGIFO Chunga, Carlos E. **Identidades funerarias femeninas y poder ideológico en las sociedades Mochicas**. In: Los señores de los reinos de la luna, Krzysztof Makowski. Colección de Arte y Tesoros del Perú. Lima 2008. pp. 1-34.

CASTILLO B., Luis, J. **Las Señoras de San José de Moro: rituales funerarios de mujeres de elite em la costa norte del Perú**. 2006.

CASTILLO, Giancarlo Cesar Urbina. **Habilitación turística complejo arqueológico “El Brujo”**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura), Universidade de Lima, Lima, 2001.

DAVID, Maria Lluïsa Sánchez. Roles Chamánicos en la sociedad Moche en base al estudio de unas cerámicas del Museo Nacional de Arqueología e História del Perú, Lima. **Revista Oficial de la Universidad Privada Antenor Orrego**, Trujillo, v. 23 n. 1, jan-jun, 2012.

DILLEHAY, Tom D. Town and country in Late Moche times: A view from two northern valleys, In: TSUKAYAMA, Hugo. Comparación de los procesos de colapso de las sociedades Mochica y Maya. **Revista Arkeos**. v. 1, n. 2, 2006.

NATIONAL GEOGRAPHIC BBC: **Secretos de La Señora de Cao o Dama de Cao**, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BI0Je0IPtUI>>. Acesso em: 02 dez. 2018.

ESCUADERO, Alicia Alvarado. Mujeres de élite em le costa norte del Perú Antiguo. In: AMERICANIA – **Revista de Estudos Latinoamericanos de La Universidad Pablo de Olavide de Sevilla**, n.2, 2015.

GOLTE, Jürgen. **Moche cosmología y sociedad**: una interpretación iconográfica. 1ª ed. Peru: Biblioteca Nacional del Perú, 2009.

HOCQUENGHEM, Anne Marie. **Iconografía Mochica**. 3ª ed. Peru: Pontificia Universidad Católica del Peru, 1989.

HOLMQUIST, Ulla. **El arte mochica del antiguo Perú**. Oro, mitos y rituales. Organización y producción: Obra Social” la Caixa”, Perú, 2015.

JORDÁN, Régulo Franco. **Experiencia de la gestión del patrimonio arqueológico en el complejo arqueológico El Brujo y su influencia en el desarrollo socioeconómico y fortalecimiento de la identidad en la comunidad de Magdalena de Cao**, Ascope, La Libertad, In: QUINGNAM: 93-142, 2017.

_____. **Chamanismo y Plantas de Poder en el Mundo Precolombiano de la Costa Norte del Perú**. In: Perspectivas Latinoamericanas – Centro de Estudios Latinoamericanos Universidad Nanzan - El Taki Onqoy, 2015.

_____. Estudio de Temas Complejos en dos murales Moche de la costa norte del Perú. En prensa. In: JORDAN, Régulo Franco. Chamanismo y plantas de poder en el mundo precolombino de la costa norte del Perú, 2014.

LEMLIJ, Moisés; MILLONES, Luis. **Mujer: Poder y Prestigio en los Andes**. 1ª ed. Peru: Spanish editions, 2016.

MARTÍ, Ruth Falcó. **La arqueología del género**: Espacios de mujeres, mujeres con espacio. Alicante: Centro de Estudios sobre la Mujer. 2003.

MORA, C.A.G; RUNCIO, M.A. EL Life (*Trichomycterus* sp.) y su importancia en la iconografía mochica. **Revista Archaeobios**, v. 1, n.3, 2009.

MUJICA, E. **El Brujo**. Huaca Cao, centro ceremonial moche en el valle de Chicama. Fundación Wiese. Lima: Arqueobios, n.3, v.1, 2009.

MURRA, John V. **La organización económica del Estado Inca**. Siglo XXI editores, 6ª ed. México, 1999.

OAKLEY, Ann. **Sex, Gender, and Society**. London, temple Smith and new society, 1972. In: Margarita Díaz-Andreu. **Género y arqueología: Una nueva síntesis**. Primeira Vista. Granada, 2005.

RINTEL, Marco Rosas. **Nuevas perspectivas acerca del colapso Moche en el bajo Jequetepeque**. Ed. Instituto Frances. 2007.

SÁNCHEZ, V. F. V. et. al **Estudio microquímico mediante MEB-EDS**. Del pigmento utilizado en el tatuaje de la Señora de Cao. *Revista Archaeobios*, n. 7, v. 1, dezembro, 2013.

SHIMADA, I. Pampa Grande and the Mochica Culture.; Austin: University of Texas Press, 1994. In: RINTEL, Marcos Rosas. **Nuevas perspectivas acerca del colapso Moche en el Bajo Jequetepeque** Resultados preliminares de la segunda campaña de investigación del proyecto arqueológico Cerro Chepén. *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines* 2007.

SWANN, C. P., CASPI, S. & CARLSON, J. Six stirrup handled Moche ceramic vessels from pre-Colombian Peru: a technical study applying PIXE spectrometry. **Nuclear Instruments and Methods in Physics Research Section B: Beam Interactions with Materials and Atoms**, v. 150, n. 1-4, p. 571-575.

TSUKAYAMA, Hugo C. Ikehara. Comparación de los procesos de colapso de las sociedades Mochica y Maya. *Revista Arkeos*. Vol. 1 – nº 2, Peru, 2006.

UCEDA, Santiago; TUFINO, Moisés. **Moche**: hacia el final del milenio. Actas del Segundo Coloquio sobre la Cultura Moche. Lima: Elías Mujica editores, 2003.

VILLAVICENCIO, Maritza. **Mujer, Poder y Alimentación en el Antiguo Perú**. 1ª ed. Fondo Editorial. Perú, 2017.

WRIGHT, Véronique. **Pigmentos y tecnología artística mochicas: una nueva aproximación en la comprensión de la organización social**. *Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines, IFEA, Lima*, v. 39, n. 2, p. 299-330, 2010.

ARQUOLOGIA E PRÉ-HISTÓRIA. **Website**. Disponível em: <<https://arqueologiaeprehistoria.com>>. Acesso em: 15 out. 2018.

BERNAT, Gabriel. **Cultura Moche o Cultura Mochica** (200 a.C.-700 d.C.), s.d. Disponível em:
<<http://www.gabrielbernat.es/peru/preinca/cultpreincaicas/cultpreincaicas.html> >. Acesso em: 18 nov. 2018.

CEPRE/UNSC. **Culturas del intermedio temprano: Moche, Nasca y Tiahuanaco (primero de secundaria)**, 2016. Disponível em:
<<http://tweb84-timwalterespinosa.blogspot.com/2016/10/culturas-del-intermedio-temprano-moche.html> >. Acesso em: 12 nov. 2018.

CORTEZ, Sofía Chacaltana. **El Género y la arqueología**, 2011. Disponível em:
< <http://blog.pucp.edu.pe/blog/culturandina/2011/08/06/el-genero-y-la-arqueologia-por-sofia-chacaltana-cortez/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

FILHO, Júlio de Andrade. **Ai-Apaec**, 2014. Disponível em:
<<https://otrecocerto.com/2014/12/17/ai-apaec/> >. Acesso em: 22 nov. 2018.

PURI, Raia Orotu. **A lenda do Amaru, divindade ancestral peruana**, 2018. Disponível em:
<<https://www.xapuri.info/mitos-e-lendas/amaru-divindade-peruana-ancestral/> >. Acesso em: 16 nov. 2018.

FUNDAÇÃO WIESE. **La Señora de Cao**, 2016. Disponível em:
<<https://www.fundacionwiese.org/blog/la-senora-cao/> >